



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
FACULDADE DE CIENCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

Shirley Oliveira dos Santos

EVASÃO ESCOLAR NA ADOLESCÊNCIA

**Marabá-PA
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

Shirley Oliveira dos Santos

EVASÃO ESCOLAR NA ADOLESCÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, como requisito para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia, Faced - Faculdade de Educação.

Orientadora: Msc. Cleide Pereira dos Anjos

**Marabá-PA
2015**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**Biblioteca Josineide da Silva Tavares da UNIFESSPA. Marabá,PA**

Santos, Shirley Oliveira dos

Evasão escolar na adolescência / Shirley Oliveira dos Santos; orientadora, Cleide Pereira dos Anjos. — 2015.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Pedagogia, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2015.

1. Evasão escolar. 2. Avaliação de comportamento dos adolescentes. 3. Adaptação escolar. 4. Estudantes - Atitudes. I. Anjos, Cleide Pereira dos Anjos, orient. II. Título.

CDD: 21. ed.: 371.2913

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, esposo, filhas e irmão
(as), que sempre me apoiaram nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo que tenho e sou, por ter me permitido a chegar onde cheguei.

A minha mãe Edimar e pai Adão por me apoiar nesta jornada.

Ao meu esposo Marcos Rak e filhas Betina e Marianne que sempre me apoio nos momentos difíceis, tendo paciência e incentivando.

A minhas irmãs Shirlene e Shirleide e irmão com apoio

A prof^a. Msc. Cleide dos Anjos que me orientou, tendo paciência e aos meus amigos (as), que sempre marcaram presença em mais uma etapa de minha vida e torcem pela minha vitória.

Uma mente cujos horizontes se expandem através de

Uma nova experiência jamais retorna às suas

Antigas dimensões.

Oliver Wendell Holmes

LISTA DE QUADRO

Quadro 1.....	Perfil dos adolescentes
Quadro 2.....	Quantidades de alunos(as) matriculados(as) (2013)
Quadro 3.....	Distorção idade-série nas escolas (2013)
Quadro 4.....	Distorção idade-série (2013)

ÍNDICE

RESUMO.....	9
INTRODUÇÃO.....	10
1. EVASÃO ESCOLAR NA ADOLESCÊNCIA.....	13
1.1 Alunos (as) indisciplinados na escola	
1.2 Fracasso escolar	
1.3 Repetência escolar	
1.4 Relação professor X Aluno	
1.5 Os pais e professores responsáveis pela educação	
2. AS TRANSFORMAÇÕES NA FASE DA ADOLESCÊNCIA.....	26
2.1 A importância da família para a formação do adolescente	
2.2 O adolescente e escola	
2.3 A relação do adolescente com os amigos e família	
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	40
3.1 Percurso metodológico	
3.2 Local de estudo e caracterização dos sujeitos da pesquisa	
3.3 Análise dos dados	
3.4 A voz dos protagonistas da entrevista	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	53
ANEXO.....	57

RESUMO

A presente pesquisa aborda o estudo da questão evasão escolar na adolescência, sendo que, a exclusão dos adolescentes na sala de aula, continua sendo uma grande preocupação de estudiosos da área educacional, portanto, a instituição escolar tem a necessidade de compreender os motivos que levam tantos alunos (as) a abandonarem a escola, sendo que, a pretensão é apresentar as causas e consequências da evasão escolar, mas especificamente na educação dos adolescentes. Sendo que a entrevista foi feita com adolescentes que frequenta a escola e adolescentes evadidos, idade de 15 e 17 anos. O trabalho tomou como partida uma pesquisa de referências e uma pesquisa de campo. Dentre os muitos autores que tratam dessa questão, buscaram-se, principalmente, as contribuições de teóricos como ABERASTURY (1981), BRANDÃO (1980), KNOBEL (1973), PIAGET (1967) e outros. Foi feita a partir de uma pesquisa de campo na escola, para saber dos (as) alunos (as), que fatores que contribuem para a evasão escolar. Foi feito um questionário para os alunos e adolescentes evadidos da escola. Sendo que, como resultado, apontou-se a necessidade dos adolescentes trabalharem, para manter-se e ajudar a família. Portanto o objetivo da pesquisa é caracterizar as principais causas da evasão escolar na adolescência, o que leva os (as) alunos (as) desistirem de frequentar a escola. A análise dos resultados foi feita da abordagem de uma pesquisa qualitativa considerando os dados coletados.

PALAVRAS-CHAVES: Evasão Escolar. Adolescente. Educação.

INTRODUÇÃO

A evasão escolar é uma situação grave, principalmente para os adolescentes. O abandono escolar acontece quando o aluno deixa a escola por algum motivo e não mais retorna, sendo que, o ensino fundamental não está ao alcance de todos os adolescentes, assim como, à conclusão de todos os níveis de escolaridade, portanto, a evasão escolar é um desafio para as escolas e para os pais.

O ponto central deste trabalho de conclusão de curso é a análise da representação social do adolescente e da adolescência no ambiente escolar. Busca-se caracterizar as causas da evasão escolar na adolescência e a representação social de alunos (as) e alunos (as) no período do adolescente e da adolescência e entender como essa representação social pode incluir nas relações cotidianas da escola.

Sendo que, o problema das inúmeras dificuldades enfrentadas pelos alunos (as) que permeiam o processo de escolarização deles (as), tornando-os reféns da ignorância, mantendo-os como analfabetos (as).

Os (as) professores (as) e pais têm vivenciado na atualidade, dificuldades de impor limites aos adolescentes. Diariamente, lidam com situações de falta de limites, indisciplina, fracasso escolar e repetência escolar. A tarefa de educar adolescentes tem sido considerada uma “missão impossível”.

Quando falamos de evasão escolar, necessariamente surgem várias questões ligadas à problemática, entre elas, as desigualdades sociais e a exclusão escolar, questões estas que são importantes para o fenômeno em estudo, até porque são os alunos das camadas menos favorecida econômica, social e culturalmente que engrossam as estatísticas da repetência e do abandono escolar.

Compreende-se que, todos (as) alunos (as) de fato, são capazes de aprender, se as condições de aprendizagem forem tais que as necessidades individuais do estudante sejam atendidas. Os (as) professores (as) sabem que os (as) alunos (as) provêm de perfis socioeconômicos variados, possuem estilos de aprendizado específicos, aprendem de maneiras e ritmos diferentes, apresentam capacidades intelectuais diversas, e alcançam o sucesso escolar dentro de contextos diversos.

O envolvimento das famílias nas escolas requer uma parceria. As parcerias bem-sucedidas vêem o aproveitamento do estudante como uma responsabilidade compartilhada, e todos os participantes – pais, administradores, professores e líderes comunitários – desempenham importantes papéis no suporte ao aprendizado das crianças.

Portanto surge a problemática da pesquisa, quais os motivos que levam os adolescentes a abandonarem a escola, ou seja, a evasão escolar. Tendo como objetivo verificar as possíveis causas e consequências da evasão escolar, identificar estratégias e ações direcionadas a minimizar o elevado índice da evasão escolar e os indicadores de evasão escolar que pudessem contribuir para o problema.

Para que a pesquisa ocorresse de forma satisfatória, utilizou-se como instrumento de coleta de dados para o presente trabalho de conclusão de curso, questionários e entrevistas com alunos (as) na escola e adolescentes evadidos da escola.

A preocupação com a evasão escolar justifica-se, pois, quaisquer que sejam os motivos, os alunos e alunas perdem a oportunidade de interagir com outras pessoas num ambiente escolar, deixando de construir o próprio conhecimento e dificultando de buscarem e adquirirem habilidades leitoras e escritoras permanecendo, assim, sob a opressão da ignorância.

Em função de melhor entendimento, este trabalho está dividido em três capítulos que abordam a evasão escolar na adolescência. Após esta introdução, segue o primeiro capítulo, que trata as causas da evasão escolar, alunos indisciplinados na escola, fracasso escolar, repetência escolar, relação professor x alunos e os pais responsáveis pela educação.

O segundo capítulo, está centrado na fase da adolescência, abordando as peculiaridades e responsabilidades de cada segmento envolvido na formação dos adolescentes: aluno (as), professor (as) e instituição.

No terceiro capítulo, é centrado em um estudo de campo, analisamos a questão da evasão escolar na adolescência, em uma escola estadual do município de Marabá e adolescentes evadidos da escola, em que traça o perfil dos adolescentes e as causas da evasão escolar.

Algumas causas da evasão escolar na adolescência estão relacionadas, na desmotivação dos (as) alunos (as) e muitos pais não incentivam seus filhos a estudar, o que pode levar a desistência. O que a escola, pode fazer como procedimentos para diminuir o índice da evasão escolar são: conversar com os alunos conscientizando da importância de estudar, realizar reuniões com os pais, para esclarecer da importância e obrigatoriedade do ensino.

CAPÍTULO I

EVASÃO ESCOLAR NA ADOLESCÊNCIA

A evasão escolar ocorre quando o (a) aluno (a) deixa de frequentar a escola, portanto, caracterizando o abandono escolar durante o ano letivo, sendo que, a evasão escolar, são consequências de vários fatores e deveria ser colocada como tema na pauta do planejamento pedagógico no começo do ano e discutir o assunto de forma regular ao longo do semestre.

A evasão escolar não é um problema atual, este vem de muitos anos castigando nossa sociedade, sendo que, a evasão escolar não é um problema ligado somente aos profissionais da educação. Portanto a evasão escolar é problema da sociedade, dos governos, dos (as) professor (as), dos agentes educacionais, dos pais. No Brasil, só nos anos 30 desse século e no período de 1940 é que a ideia da educação pública ganha corpo e expressão nacional.

Em 1950, apenas 36,2% das crianças de 7 a 14 anos tinham acesso à escola. Era uma escola de elite para poucos. Nesse período, as crianças, em sua maioria oriundas de famílias de classe média e alta, tiveram a oportunidade de estudar em excelentes escolas estaduais ou federais. Os filhos das famílias mais pobres simplesmente não frequentavam à escola e não tinham escolas para ir. A qualidade foi assim conseguida com a simples exclusão da população pobre do sistema educacional. A universalização do acesso teve início no começo dos anos 60, entretanto 60% estavam na escola e ainda tinham 40% de evadidos. (GOLDEMBERG, 1993).

A evasão é um fenômeno efetivo e constante na realidade das escolas públicas e suas razões variam desde questões pessoais e familiares dos alunos, entretanto, é um desafio para os (as) professores (as), que os (as) alunos (as) permaneçam na escola. A escola e a Família tem um papel fundamental na formação do futuro cidadão, ou seja, a escola e família tem educação diferente mais é de fundamentais importâncias ambas se unirem para ampliar e facilitar a aprendizagem dos (as) alunos (as) e estabelecer uma união entre escola e família para que possa conter a evasão escolar e os alunos (as) possa interagir com os conteúdos escolares.

Quando o (a) aluno (a) deixa de frequentar as aulas, é hora de tomar outras atitudes tais como: como visitar a família que é um passo muito importante, porque

permite conhecer o problema de perto e esclarecer com os pais estratégias para que a situação não se repita. Sendo que, a frequência escolar, é de fundamental importância para que o (a) aluno (a) aprende muito mais. Por isso a evasão escolar é um problema que precisa ser combatido dia após dia, ano após ano.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9364/96) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), um número elevado de faltas sem justificativa e a evasão escolar ferem os direitos das crianças e dos adolescentes. Nesse sentido, cabe à instituição escolar valer-se de todos os recursos dos quais disponha para garantir a permanência dos (as) alunos (as) na escola. Prevê ainda a legislação que esgotados os recursos da escola, a mesma deve informar o Conselho Tutelar do Município sobre os casos de faltas excessivas não justificadas e de evasão escolar, para que o Conselho tome as medidas cabíveis.

O abandono escolar é visto como uma ocorrência, os educadores o consideram um processo que tem início no ensino fundamental. Identificar que o problema da dissidência escolar está entre os estudantes de risco, que têm acúmulo de experiências negativas.

Muitas vezes a evasão escolar, está ligado ao insucesso escolar, baixos rendimentos, desinteresse nos estudos. Sendo que, o desinteresse manifestado pelos adolescentes, pode desenvolver atitudes de fracasso escolar face à escola e ao ensino que dispensa, conduz a uma constante interrupção do seu percurso escolar e conseqüentemente ao abandono escolar.

Existem vários fatores que contribuem para os (as) alunos (as) abandonarem a escola, os motivos do abandono escolar estão relacionados com a desigualdade de renda, as necessidades de o (a) aluno (a) trabalhar, as condições básicas para a aprendizagem do adolescente, o não acompanhamento dos pais as atividades escolares e os elementos efetivos na relação professor (a) aluno (a).

Portanto, é de fundamental importância os quatro primeiros anos escolares do aluno, para que tenha um domínio e aprendizagem da leitura e da escrita e assegurar a permanência das crianças na escola, torna-se indispensável à revisão de estratégias em relação às séries iniciais.

A legislação brasileira aponta a responsabilidade da família e do Estado no dever de orientar em seu percurso sócio educacional. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1996, p. 2) a lei é bastante clara a esse respeito. De acordo com o artigo 2º:

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Na questão da evasão escolar, na fase da adolescência, podemos citar a falta de interesse para com os estudos, onde, os adolescentes se afastam da escola e não concluem a educação básica, por terem a necessidade de trabalhar para ajudar a família e, também, para seu próprio sustento.

Segundo o Mehsenas (1998, p.98) sobre a evasão escolar:

[...] dos alunos dos cursos noturnos, aponta por sua vez que a evasão escolar destes alunos se dá em virtude de estes serem obrigados a trabalhar para sustento próprio e da família, exaustos da maratona diária e desmotivados pela baixa qualidade do ensino, muitos adolescentes desistem dos estudos sem complementar o curso secundário.

A evasão escolar é um problema que preocupa a escola, o (a) diretor (a) e professores (as), compreende que os (as) alunos (as) não tem vontade de estudar, afetando, principalmente a aprendizagem e o (a) aluno (a) fica atrasada na série, a escola tem que ser uma instituição prazerosa. Sendo que a própria escola, a diretoria de Ensino (Estado) e Secretária de Educação deve atuar e encontrar a solução, tendo em vista um melhor ensino e torná-lo atraente ao aluno (a) evadido.

O indivíduo abandona a escola, porque muitas vezes entende que não há lugar para os seus problemas e preocupações. O que o (a) aluno (a) sabe e suas experiências não é levado em conta. Não faz nenhuma pergunta só da resposta impostas pelo sistema. Os conteúdos são trabalhados de forma alienante, fragmentados e carregados de ideologias opostas ao seu interesse. Algumas crianças pobres são as prejudicadas, entretanto, trazem uma bagagem cultural que não é aceita, nem valorizada.

Para MILANI (1992), o adolescente leva da escola para o lar, além dos deveres de casa, muitas e variadas emoções: alegria de ter feito um gol, a vergonha de não ter sabido responder uma pergunta do professor, a ansiedade pelas notas, entre outras. Concordamos com esse autor e pensamos que essa ligação do (a) adolescente com a

escola deveria ser mais bem explorada e reverter em benefício para o próprio adolescente e sua vida escolar.

O (a) adolescente só aprende aquilo que for interessante para ele, portanto é importante que o (a) aluno (a) se sinta motivado para aprender conhecimentos novos. Observamos que a educação não está ao alcance de todos os cidadãos, sendo também, no que se refere à conclusão de todos os níveis de escolaridade. A escola precisa trabalhar com o dever da família, uma vez que é responsabilidade dos pais efetuar a matrícula das crianças a partir dos sete anos.

Segundo Demo (2001, p. 35)

[...] é importante ressaltar que a LDB e o Sistema Estadual de Educação são, atualmente, as leis que regulamentam o direito social à educação, previsto pelas Constituições Federal e Estadual. E da parte dos educadores é necessário maior aprofundamento da legislação, visto que envolve a ação e a postura do poder público, dos profissionais da área e da comunidade escolar.

A Constituição Federal, no artigo 208, § 3º prevê e legitima que “compete ao Poder Público recensear os educando no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis pela frequência a escola”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 1996, em seu artigo 5º dispõe que o acesso ao ensino fundamental “é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída, e ainda, o Ministério Público, acionar o Poder Público para exigi-lo”. E em seu parágrafo primeiro e incisos I e III define que “compete aos estados e municípios, em regime de colaboração [...] recensear a população em idade escolar para o ensino fundamental, e os jovens e adultos que a ele não tiveram acesso; zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola”.

O Poder público pode ser responsabilizado criminalmente pela não oferta de vagas na instituição escolar, os pais também o serão pela ausência dos (as) filhos (as) na escola. Sendo que nenhuma criança deve ficar fora da escola e de que a lei determina que os alunos (as) tenham no mínimo de 75% de frequência total de horas letivas, portanto, os pais são os responsáveis pela presença do (a) aluno (a) na escola.

Para os (as) educadores (as) atuais, ainda é um desafio de fato à permanência dos (as) alunos (as) na escola o que, sabidamente, se consegue apenas com a qualidade do

ensino ofertado, fazer com que os alunos permaneçam na escola e que progridam tanto quantitativa quanto qualitativamente nos estudos. Os estudantes que abandonam a escola perdem todos os benefícios que a instituição pode oferecer aos alunos e enfrentam uma vida inteira de oportunidades limitadas, em relação a emprego.

O estudante motivado é, em geral, capaz de sobreviver no atual mundo de sobrecarga de informações, navegando pelos pontos de acesso diferentes que lhe permitem adquirir um conhecimento geral dos caminhos educacionais e carreira profissional.

Os (as) professores (as) reconhecem que nem todo aluno (a) aprende da mesma maneira, alguns aprendem melhor quando o material é apresentado de forma visual, outros precisam ouvir as informações em voz alta, alguns progridem quando o aprendizado envolve a manipulação prática, outros (as) alunos (as) aprendem em pequenos grupos nos quais uns ensinam os (as) outros (as) e tem alguns que preferem estudar sozinhos (as).

1. ALUNOS (AS) INDISCIPLINADOS NA ESCOLA

Os (as) alunos (as) indisciplinados são uma preocupação para os (as) professores (as), pois um bom comportamento é essencial para desenvolvimento das aulas, portanto não pode ser desconsiderado pelos (as) educadores (as). Muitas vezes a indisciplina pode ser carência do estudante, a falta de compreensão do conteúdo e a falta de estudar e ficar prestando atenção na aula. Sendo assim, a indisciplina é um fato relevante, pois interfere diretamente no processo de ensino/aprendizagem.

Os (as) professores (as) costumam atribuir a culpa do comportamento indisciplinado do (a) aluno (a) exclusivamente para a família, tirando toda responsabilidade do (a) educador (a) e deslocando o problema para fora do seu domínio. Portanto, acreditam que a responsabilidade da indisciplina no cotidiano escolar é do (a) próprio (a) aluno (a), está ligado à personalidade de cada aluno, acreditam que os traços de personalidade dos (as) aluno (a) já vêm definidos desde o nascimento, portanto não poderão ser modificadas.

Os (as) professores (as) desejam alunos (as) que saibam respeitar os seus colegas e que consigam se engajar em atividades que exijam concentração e esforço para aprender. Porém, isso não é sinônimo de aluno (a) passivo (a) e silencioso (a) o tempo

todo. O silêncio, tão desejado em sala de aula, nem sempre é garantia de aprendizagem, pois o (a) aluno (a) aprende quando participa de uma atividade, executando alguma tarefa, ouvindo as diferentes formas de percepção dos demais frente ao assunto e tendo a oportunidade de argumentar, colocar as suas ideias através de grupos de discussão ou debates. Essa participação ativa do (a) aluno (a) nas atividades escolares é expressão de energia e entusiasmo, fruto de uma aprendizagem significativa (NERI, 1992).

Os (as) diretores (as), coordenadores (as) e muitos pais, acreditam que as possíveis causas do comportamento de indisciplina nas escolas são e responsabilidade do (a) professor (a) e relacionam a origem da indisciplina à falta de autoridade do (a) professor (a), de seu poder de controle.

É comum imaginar que as crianças e adolescentes mal-educados em casa convertam-se automaticamente em alunos (as) indisciplinados (as) na escola, portanto, é preciso recuperar alguns consensos quanto às funções da família e da escola, distinguindo claramente os papéis de pai e de professor, muitas vezes se costuma confundir, a ação da instituição escolar e família. Sendo, que precisamos admitir um consenso básico, esquecido no dia-dia escolar: o (a) de que alunos (as) não aos (as) filhos (as), professor (a) não é pai e mãe.

O trabalho familiar diz respeito à moralização da criança e adolescentes, esta função é primordial dos pais, a tarefa do (a) professor (a), por sua vez, não é moralizar as crianças e adolescentes, sendo que a educação entre as duas instituições são complementares e possam chegar a se articular, elas são bastante diferentes em suas raízes, objetos e objetivos.

2. FRACASSO ESCOLAR

As crianças que ingressam nas escolas e que não consegue concluir satisfatoriamente sua jornada escolar de oito anos mínimos e obrigatórios, caracteriza o processo este que se convencionou nomear como fracasso escolar, este é um problema enfrentado pela escola brasileira nos dias de hoje, poucos são aqueles que conseguem permanecer na escola até o final do ensino médio, e menos ainda frequentar a universidade.

Entretanto, alguns poucos ainda parecem questionar a importância da escolarização nos dias de hoje, de uma coisa é certa, o mundo será implacável para as

pessoas que não tem escolaridade, basta olhar a nossa volta e observamos a realidade das pessoas desempregadas. Portanto, isso tudo se reflete a escola, pois quanto menor for à escolaridade da pessoa, menores também serão suas chances de acesso às oportunidades em relação ao mundo do trabalho, que o mundo oferece e as exigências que ele impõe.

Entretanto, não é algo estranho e contraditório para os profissionais da educação explicar o sucesso escolar como produto da ação pedagógica, e o fracasso escolar como produto de outras instâncias que não a escola e sala de aula, se entendemos o fracasso escolar como efeito de algum problema individual do (a) aluno (a), estaremos isentando às responsabilidades sobre a ação do (a) educador (a) e de outras instâncias.

A maior vítima, portanto, do processo de produção do fracasso escolar, é o (a) aluno (a) das classes sociais menos favorecidas, que estão hoje dentro da escola pública. Esta por sua vez, instituída nos padrões da classe dominante, parte do pressuposto de que, todas as crianças têm um idêntico desenvolvimento linguístico e semelhante exposição à escrita no período pré-escolar. Então, a escola ao invés de se conscientizar de que existem diferenças profundas em relação a estes dois fatores, não revê sua postura e atribui a culpa pelo insucesso, acusando-a de deficitária (Soares: 1986), isto é, “a escola não se modifica; é a criança que deve a ela adaptar-se. E o problema do fracasso escolar na aprendizagem não é nunca focalizado sob a perspectiva de déficit na escola” (Terzi: 1995).

Em virtude disso, muitos estudos têm sido desenvolvidos sobre o fracasso escolar, entre os de Bernstein (1997), Erickson (1987), Patto (1990), Soares (1986), que fazem cada qual sob óticas diferentes, análises que demonstram os vários fatores determinantes do mesmo problema.

Patto (1990), por exemplo, parte das raízes das concepções existentes sobre o fracasso escolar, passa pelo modo capitalista de pensar a escolaridade, considera as questões burocráticas que entram as relações estabelecidas no processo ensino-aprendizagem e chega à conclusão de que tal fracasso é produzido pela própria escola.

Bernstein (1977) e Soares (1986) analisam a questão das diferenças culturais existentes entre sujeito da aprendizagem e os representantes da instituição escolar, sendo que estes, através de uma mediação feita pela linguagem acabam interferindo no

desempenho escolar do aluno de classes populares, de maneira a levá-lo ao fracasso, uma vez que o discurso da escola difere substancialmente do discurso dos alunos dessas classes sociais.

As análises de Erickson (1987), embora relativo ao contexto norte americano mostram que, quem fracassa na escola, nos Estados Unidos (EUA), são os (as) alunos (as) egressos das classes minoritárias. De acordo com o autor, “entre as várias explicações para” o baixo resultado proveniente de grupos minoritários encontram-se as relacionadas à diferença cultural entre professor (a) e aluno (a) e à baixa motivação dos (as) alunos (as), que decorre do cinismo com que vêem suas oportunidades no mercado de trabalho.

O fracasso escolar está relacionado com a reprovação do (a) aluno (a) que é visto como incapaz para continuar os estudos e afeta a autoestima do (a) educando (a) de forma negativa, ou seja, a repetência não leva o (a) aluno (a) a uma aprendizagem melhor no ano seguinte, o fracasso escolar está relacionado a não aprendizado do (a) aluno (a) e à evasão escolar.

Os (as) alunos (as) que iniciam o Ensino Fundamental, alguns não sabem ler e escrever com compreensão, portanto os (as) alunos (as) passam pela escola sem adquirir conhecimentos, é de fundamental importância prestar atenção no problema fracasso escolar, que leva a evasão escolar, sendo que no Ensino fundamental tem o maior índice de desistência da escola. Para Brandão (1985), “o fracasso não se deve tanto ao método, mas muito mais o fato de formas e conteúdos, na escola, estarem distantes da criança concreta com a qual a professora se depara”.

O (a) professor (a) e alunos (as) deveriam ter um bom diálogo na sala de aula, para que pudesse ter uma prática pedagógica, levando os (as) alunos (as) a participarem ativamente nos trabalhos escolares, proporcionando uma aprendizagem produtiva e atraente. Podendo transformar e formar cidadãos críticos, reflexivos e conscientes de seus direitos e deveres na sociedade.

O aluno-problema é uma justificativa para o fracasso escolar, sendo que, se o aluno aprende, é porque o professor ensina, se ele não aprende, é porque não quer ou porque apresenta algum tipo de distúrbio, de carência, de falta de conhecimento do mundo.

3. REPETÊNCIA ESCOLAR

A repetência escolar é um problema que afeta os sistemas escolares como a má qualidade do ensino e a não aprendizagem dos (as) alunos (as) e prejuízos financeiros. Entretanto a questão da repetência está associada a não pensar uma ação pedagógica eficiente nas escolas, tendo como colaboradores os (as) professores (as), comunidade escolar, pais, coordenadores (as), pedagogos e demais colaboradores da instituição escolar e principalmente de todos os (as) alunos (as).

A Repetência Escolar é diagnosticada em relação à dificuldade que o (a) aluno (a) apresenta na assimilação dos conteúdos propostos pelo Currículo Escolar, por isto, a Avaliação Diagnosticada faz parte deste processo, sendo um dos momentos de maior reflexão no Conselho de Classe, pois tenta compreender as diferenças individuais de cada um, oportunizando a todos um espaço na sociedade, que só ocorrerá com a permanência do (a) aluno (a) na escola.

Segundo Aquino (1997, p. 103)

Os processos avaliativos constituem seguramente, uma das expressões mais evidentes do impacto das técnicas examinatórias no contexto escolar. É por meio da avaliação que se torna possível conhecer e controlar cada aluno com o quadro de competências esperadas.

Algumas medidas, que, pudessem diminuir o índice de repetência como as atividades de reforço, aumento das horas-aulas e aprovação automática, sendo que a aprovação automática não é considerada favorável aos educadores e educando, pois diminui a repetência, mas não garante a aprendizagem. Na verdade, estão transferindo o problema para as séries subsequentes sem evitar os sentimentos de insegurança e frustração dos alunos e dos professores pela insuficiência da aprendizagem.

Haddad (1979), afirma que as decisões pedagógicas baseiam-se em medidas não confiáveis para estabelecer o nível do conhecimento ou a proporção de alunos (as) que merecem passar. Não há evidência de que a repetência seja mais efetiva que a promoção. Ao contrário, compararam-se os resultados dos (as) repetentes com os (as) alunos (as) promovidos (as) e verificou-se que os (as) promovidos (as) automaticamente rendem mais. Nem a repetência leva a melhores padrões, nem a promoção automática baixa estes padrões. A repetência, além disso, não aumenta a homogeneidade das turmas. Além de não recuperar o (a) aluno (a), tem efeitos negativos sobre o seu autoconceito. A promoção automática desacompanhada de uma ação suplementar,

embora não penalizando o aluno por um baixo rendimento, não melhora as suas condições para o sucesso (Haddad, 1979). Como variável independente, a repetência está significativamente associada ao baixo rendimento dos (as) alunos (as) (Schiefelbein e Simmons, 1981).

A escola diante dos problemas de não aprendizagem e repetência escolar responsabiliza a família, o (a) aluno (a), a sociedade como um todo o meios de comunicação social que não incentivam ou favorecem o processo de aprendizagem, os pais diante da situação por estarem ocupados (as) e sobrecarregados (as) com o mercado de trabalho se sentem culpado (a) e admite sua parcela de culpa.

4. RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO

A relação entre o professor (a) e aluno (a) é o conhecimento e os resultados de trocas na interação do meio natural, social e cultural do sujeito. Sendo do conhecimento na ação pedagógica, proporcionando condições de colaboração mútua. É aquele que orienta, abre perspectivas, proporcionando novas concepções de vida para os (as) alunos (as). Dessa maneira, a consciência de compreender o contraste existente entre sua própria cultura e a do (a) aluno (a).

O (a) aluno (a) possui sua experiência cultural imediata, buscando a verdade, confrontando com os conteúdos do (a) professor (a). Portanto, o (a) aluno (a) necessita esforçar-se, reconhecendo nos conteúdos, a ampliação de seu próprio conhecimento. O conhecimento novo apoia-se no anterior, por isso a aprendizagem depende da disposição e prontidão do aluno quando o professor.

Para que uma criança possa prosperar futuramente, ela precisa prosperar nos estudos e na escola hoje, a sociedade não pode deixar que um número significativo de alunos (as) abandonasse a escola, todos nós devemos fazer a nossa parte, principalmente as escolas deveriam mudar na forma que os (as) professores (as) trabalham com os (as) estudantes, propomos expectativas mais altas para os pais, para os (as) professores (as) e para aqueles que prestam apoio aos (as) nossos (as) professores (as). Desafiamos os líderes locais e estaduais a estabelecerem novas prioridades de modo a atender aos novos padrões e metas educacionais.

As escolas são de fundamental importância para os alunos serem bem sucedidos (as), portanto, fora da escola os jovens de hoje são ativos (as) no computador, nos

esportes no trabalho e lazer. As escolas devem ser igualmente envolventes, interessantes e intelectualmente estimulantes. Sendo que a escola é o local que as crianças se sentem motivadas para aprender e em sua maioria são ativos (as) aprendizes. Portanto a instituição escolar devem tratar os estudantes não como passivos receptores de conteúdo, mas como ativos participantes em seus processos de aprendizado.

O princípio de aprendizagem é o de verificar o que o (a) aluno (a) sabe, existindo uma troca na compreensão por parte do (a) aluno (a) e professor (a), a aprendizagem ocorre quando a síntese da visão parcial torna-se mais clara e unificada.

Sendo que, os (as) professores (as) como educadores, deve mostrar aos (as) estudantes a relevância do que eles (as) aprendem. Tendo que deixar de ensinar informações desconexas, precisamos deixar de ensinar “o que pensar” para começar a ensinar “como pensar” – como solucionar problemas, como pensar de forma criativa e analítica, como trabalhar em equipe.

Programas que as escolas deveriam estabelecer de recursos na instituição escolar, tendo ideias criativas e inovadoras para uma reforma escolar, onde os (as) estudantes possam ser bem-sucedidos (as).

Portanto as escolas devem utilizar técnicas variadas para descobrir o que os (as) alunos (as) sabem e podem fazer. A avaliação do trabalho do (a) aluno (a) deve ser válida, autêntica e contínua. Sendo que os estudantes não devem competir com seus colegas, mas dedicar-se ao seu desenvolvimento apenas intelectual e social. Confiná-los (as) os (as) alunos (as) dentro da sala de aula, na qual eles não queiram estar é, em uma última análise, uma receita para o fracasso.

5. OS PAIS E PROFESSORES RESPONSÁVEIS PELA EDUCAÇÃO

Os pais têm a responsabilidade de cuidar e orientar seus filhos da infância à adolescência são os responsáveis para incentivar e apoiar o processo de aprendizagem. Justamente quando os (as) adolescentes necessitam de mais apoio dos pais dentro do sistema educacional, os pais se tornam menos envolvidos. Observamos que na reunião das escolas ou pais não estão presentes, sendo que as escolas marcam reunião de pais e professores (as) em um horário sempre, na qual os pais têm que estar no trabalho ou em trabalhos domésticos.

Os (as) professores (as) devem transmitir aos (as) alunos (as) as habilidades de investigar, raciocinar, resolver os problemas e ser capaz de resolver os conflitos, é importante os (as) professores (as) aderirem à métodos que motiva os (as) alunos (as) em sala de aula, como apresentar e expor os trabalhos escritos dos (as) alunos (as). Uma das providências é melhorar a qualificação dos (as) professores (as) e formá-los para poderem elaborar uma avaliação de qualidade, que possa revelar aquilo que o (a) aluno (a) de fato aprendeu.

A jornada diária de trabalho do (a) professor (a) deve inclui tempo para elaborar e colaborar com os colegas e explorar novos métodos de ensino, valorizar o aprendizado tanto do professor quanto para os (as) alunos (as).

Portanto, por essa razão, a inteligência humana não é sob-hipótese alguma, um depósito de informações, mas um centro processador delas. Não apenas “ingerir” informações, mas “digeri-las”, e isso é o que nos torna diferentes uns dos outros. Alguns têm uma capacidade de digestão muito maior do que outros, e essa capacidade se aprende e se potencializa principalmente no meio escolar.

É fundamental, portanto, que tenham claro que, em sala de aula, é o nosso ponto de partida para obter informação, mas o ponto de chegada é o conhecimento. E essa é uma diferença nem um pouco sutil? Uma máxima pedagógica recente espelha e, ao mesmo tempo, ameaça esse princípio básico, do conhecimento como alvo prioritário da intervenção escolar: “trabalhar com os dados de realidade do aluno”.

Muitas vezes, entretanto, temos a impressão de que os (as) alunos (as) não têm interesse algum naquilo que se tem a lhes ofertar. Ou então, que os conteúdos escolares seriam, na verdade, alheios aos interesses imediatos, pontuais da criança e do jovem contemporâneos. Isso não é bem assim.

Além disso, o ritmo do trabalho pedagógico é outro. Não se pode imaginar que o tempo de aprendizagem do conhecimento seja o mesmo das informações. Ele é, obviamente, mais lenta, mais artesanal, assim como a inteligência humana é mais seletiva, mais qualitativa do que quantitativa.

Concluimos que a família é uma instituição que influencia diretamente no desenvolvimento e no desempenho escolar dos (as) alunos (as), pois se a família é desestruturada as crianças e os adolescentes se desestruturam, com isso apresentará

fracasso escolar e conseqüentemente a evasão escolar. Sendo que, a escola é um importante local de aprendizagem da educação para os adolescentes, mais a família é o primeiro lócus de aprendizagem e formação do indivíduo, portanto é fundamental ajudar os adolescentes na compreensão e vivência dessa fase criança para a adolescência, valorizando-os como sujeitos da sua história, destacando a família e a escola como espaços primordiais.

CAPÍTULO II

AS TRANSFORMAÇÕES NA FASE DA ADOLESCÊNCIA

Neste estudo, a adolescência é concebida conforme expressa o Estatuto da Criança e do Adolescente, ou seja, considera-se adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos. No parágrafo único do Art. 2º, determina ainda que “nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade” (ECA, 1990).

A adolescência é entendida socialmente como estágio intermediário entre a infância e a idade adulta – fase de preparação para ser adulto – e como período transitório no qual as responsabilidades são menores. Sendo que, com o crescimento, são esperados desses jovens novos tipos de crescimento, pois ganharão direitos que não tinham antes, mas terão também novos deveres e responsabilidades. O adolescente tem autonomia maior que a da criança e, ao mesmo tempo, menor que a do adulto.

Sobre a definição de adolescência não existe um consenso entre os autores, sendo considerada, prioritariamente, conforme as mudanças biológicas relativas à maturidade sexual, acompanhadas de múltiplas transformações fundamentais no processo do desenvolvimento humano, determinantes nas alterações do corpo físico e que leva em conta a idade cronológica. Esses indicadores da adolescência são variáveis de pessoa a pessoa em cada cultura e grupo étnico-racial, devido peculiaridades históricas, socioculturais, psicológicas e emocionais (ABERASTURY e KNOBEL, 1992; ABROMOVAY, 2004; BOHN e FORSTER, 2008; TIBA, 1986; e ZAGURY, 1996).

A adolescência é um período importante na formação do indivíduo. Portanto, a adolescência é uma passagem marcada pelas habilidades cognitivas desenvolvidas e experiências emocionais menos desenvolvidas na infância, para habilidades cognitivas desenvolvidas e experiências emocionais mais equilibradas de um adulto e a transição para novos papéis na sociedade. O que define a adolescência é, pois, a transitoriedade, a ambiguidade entre ser criança e ser adulto e o fato de se configurar como período de experimentação.

Segundo Piaget (1962), do ponto de vista cognitivo, a (o) adolescente está no estágio das operações formais, devido ao seu amadurecimento biológico que representa

o ponto máximo do processo do desenvolvimento cognitivo. As operações formais, entretanto, não são um dado *a priori*, mas dependem da interação do organismo com o meio. A aquisição das operações formais é de fundamental importância para o processo de ajustamento social do (a) adolescente. Aos 12 anos a (o) adolescente já é capaz de fazer descentralização, tanto no plano cognitivo, quanto afetivo e moral, tornando-se capaz de coordenar diversas ideias e tirar às suas próprias conclusões. Com o surgimento do pensamento formal, torna a coordenação de operações que não existiam anteriormente procurando não mais apenas soluções imediatas, mas constrói sistemas, tentando alcançar uma verdade mais geral.

A adolescência, segundo Piaget (1967), é o período das operações lógico-formais, no qual o raciocínio é hipotético e dedutivo. O adolescente é capaz de fazer hipóteses e testá-las deduzindo as conclusões. Essa capacidade de raciocinar se completa na adolescência e dessa forma ele, diferentemente da criança é capaz de estabelecer para si um projeto de vida, uma meta a ser alcançada e uma orientação para a sua ação. Caracteriza-se, ainda, pela capacidade de construir ideais e raciocinar sobre proposições contrárias à realidade. É marca dessa fase a discussão sobre os princípios éticos, filosóficos, sociais e o interesse por atividades literárias e artísticas. Como escreve Elkind (1978), o jovem chega a conceber uma sociedade ideal e “quando a compara com a sua família, com a religião e a própria sociedade, acha que estas são deficientes. Muito da rebelião adolescente contra a sociedade adulta origina-se dessa nova capacidade de construir situações ideais”.

A fase da adolescência é vista como de conflitos, sendo que, o comportamento é dividido em áreas de desenvolvimento para estabelecer características do adolescente quanto ao raciocínio, autocontrole, independência, mudanças físicas. Portanto, muitas vezes o adolescente comporta como adulto e outras como criança, sendo mais impulsivo menos consistente e mais contraditório, onde o adolescente está vivendo uma etapa de vida considerada de transição entre ser criança e o vir a ser adulto.

A palavra “adolescer” vem do latim e significa crescer, engrossar, tornar-se maior, atingir a maioridade (TIBA, 1986, p.37). Esta é uma etapa na qual o indivíduo busca a identidade adulta e também onde o ser humano sofre as maiores modificações desde seu nascimento até a morte. Ela começa com a puberdade, (aparecimento das características sexuais secundárias), e o seu término é indeterminado, pois além da

característica filogenética, interfere a ontogenética, variando de indivíduo para indivíduo.

O adolescente é visto, como indivíduo em desenvolvimento e em conflitos, que passa por mudanças corporais, pessoais e familiares, que busca independência e diferenciação da família de origem. As definições usuais de adolescência ou são cronológicas, (dos 12 aos 21 anos de idade aproximadamente), ou físicas, (puberdade), ou psicológicas, (época de reorganização da identidade profissional, sexual e filosóficas), ou ainda sociológicas (reencontrar seu papel na sociedade).

Segundo Aberastury e Knobel (1992) também define a adolescência como época de desequilíbrio e instabilidade. Caracterizam essa fase de desequilíbrio como “síndrome normal da adolescência”, entendendo que a problemática central de faixas etária é a busca da identidade. O processo básico que ocorre na adolescência é o do “luto”, (perdas), pelo corpo, pelo papel e pela identidade infantis e pelos pais da infância que significam, para as crianças, refúgio e proteção. Ou seja, implica renúncia à dependência, e aceitação de responsabilidades. O luto seria uma forma de defesa que se manifesta na desvalorização desses objetos e também na busca de figuras substitutivas dos pais. O período da adolescência decorre dos processos de identificação e luto e, portanto certo desequilíbrio é entendido como normal e até esperado nesse período de vida.

O ponto de partida para a adolescência é a puberdade, pois traz mudanças radicais no corpo, sendo que, nas meninas, o desenvolvimento do busto é a primeira manifestação de maturação sexual e ocorrem antes do aparecimento dos pêlos do púbis, os pêlos axiliares surgem depois dos pêlos pubianos e só depois da primeira menstruação, ou seja, marcada pela menarca a primeira menstruação.

Nos meninos, os indícios são: a) primeiro indício de amadurecimento sexual notado é o crescimento acelerado dos órgãos sexuais; b) a primeira característica sexual secundária a aparecer são os pêlos do púbis; c) posteriormente, surgem os pêlos axiliares e, finalmente, os pêlos faciais e nas demais zonas coberta de pêlo no homem; d) mudança no tom da voz, importando resaltar que o aprofundamento da voz do rapaz só ocorre depois que se manifestarem vários outros sinais de maturação sexual, sendo que, o desenvolvimento genital evidenciado pela primeira ejaculação, que, ocorre geralmente à noite, ou seja, na puberdade o corpo do adolescente passa por mudanças às

quais ele não pode controlar, muitas vezes vista como estranhamento, tendo que, se adaptar a essa nova estrutura física, perdendo as características infantis e, com o decorrer dos dias, características adultas vão aparecendo.

Sendo, que as meninas, em média, atingem a puberdade dois anos antes que os rapazes são necessários considerar, separadamente, e pelos sexos, as idades que limitam os fenômenos da adolescência, ou seja, existem grandes diferenças individuais que caracterizam este período de desenvolvimento, portanto, as considerações específicas de idade, os critérios de puberdade ou maturidade sexual são ilusórios. Entretanto, para alguns a adolescência começa com as reações psicológicas do jovem a suas mudanças físicas da puberdade e se prolonga até uma razoável resolução de sua identidade pessoal, que, na maioria das pessoas jovens, estes eventos ocorrerão principalmente entre as idades de 11 e 21 anos, que limitam a fase da adolescência.

As principais transformações que ocorrem no corpo de um púbere estão relacionadas a uma grande atividade glandular, que pela produção de hormônios, levará à capacitação reprodutiva (ZAGURY, 1996). A atividade glandular e hormonal, características da puberdade, se deve ao desenvolvimento e maturação do hipotálamo, da hipófise, das gônadas e da capsula supra-renal. (TIBA, 1986; BALEEIRO, et al. 1999). Entretanto, o adolescente vai perdendo o interesse de participar das atividades relacionadas à família e progressivamente, vai dar importância a grupo formado por pessoas da mesma idade. Portanto, é normal que no período da adolescência aconteçam os maiores conflitos com a família, sendo, que adolescente se torna mais resistente a seguir as normas, a ouvir conselhos e a simplesmente vivenciar momentos com os parentes mais próximos.

Segundo Knobel (1971), as características da “síndrome normal da adolescência” são: busca de si mesmo e da própria identidade, procurando manter a continuidade e semelhança consigo mesmo; tendência grupal (o grupo serve de defesa, facilitando a oposição aos pais e a busca de identidade diferente da do meio familiar); necessidade de intelectualizar e fantasiar, que é revelado na discussão que o adolescente faz sobre princípios éticos, filosóficos, sociais e manifestado em suas atividades literárias e artísticas, ao mesmo tempo que é uma forma de defesa, pois pelo pensamento, o adolescente compensaria suas perdas; crises religiosas, que vão do ateísmo ao misticismo (a religião também tem a função de defesa contra a angústia pela

morte de uma parte de si mesmo e pelas mudanças que ocorrem no corpo); deslocalização temporal: pensamento primário do adolescente, que tem dificuldade em diferenciar o externo do interno, o adulto do infantil, o presente do passado e do futuro; definição da identificação sexual, que é central nessa fase de vida para adquirir seu papel na união e procriação; atitude social reivindicatória, pois, ao falar, adquire o sentido de realizar o ato, logo, o fato de reivindicar seria colocar em ação o que pensa e uma forma de se preparar para a ação, facilitada pela identificação com pessoas diferentes das do meio familiar.

O fim da adolescência é entendido com a transformação do jovem em adulto. Ele adquire independência financeira, assume um casamento, adapta-se à sociedade, sabe dizer quem é, quais são as suas aspirações e que atividades ocupacionais prefere e integra à sua identidade as mudanças corporais pelas quais passa. Espera-se que o adolescente aceite o corpo, seu papel sexual, adquira independência dos pais e dos outros adultos, escolha uma profissão e chegue a uma identidade pessoal. A adolescência é vista como época de transições, ao fim da qual o jovem deve deixar a escola, sair da família de origem, casar e ter emprego. O que define a adolescência é, pois, a transitoriedade, a ambiguidade entre ser criança e ser adulto e o fato de se configurar como período de experimentação.

1. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA A FORMAÇÃO DO ADOLESCENTE

Os adolescentes vêem as famílias como os principais exemplos de vida, além dos fatores biológicos, a adolescência é influenciada pelo ambiente familiar, social e cultural onde o indivíduo se desenvolve. Geralmente o menino se vê no pai e a menina se espelha na mãe ou naquela pessoa que para ele ou ela é um referencial de vida, porque convivem diariamente com eles. Desse modo, os adolescentes podem ser influenciados positiva ou negativamente.

Para Lapin (1983), o adolescente julga as relações com os pais como excelentes e, com as mães, como sendo ainda melhores. Eles são vistos, pelos rapazes, como enérgicos, honestos, simpáticos, de bom caráter, trabalhadores, companheiros e alegres. E, pelas moças, como seguros, ativos, honestos, de bom caráter, fortes, amigos e companheiros. Os rapazes e as moças percebem as mães como meigas, atenciosas, seguras, responsáveis, delicadas, dóceis e bonitas. Indica maior afinidade com a mãe,

fonte de apoio e segurança emocional, modelo para as filhas e incentivo para os filhos agirem como homens. Costumeiramente, as mães são mais procuradas para aconselhar, os pais, para discutir a situação financeira e os amigos, para problemas sentimentais. Os filhos consideram os pais de uma forma bastante favorável e gostam de se relacionar com a família. Os adjetivos empregados para qualificar os pais são muito positivos e indicadores de uma imagem idealizada dos pais.

Conforme Pascoal (1985), a educação familiar se caracteriza ora pela permissividade, como os pais aceitarem o uso de bebidas alcoólicas, e ora pelo rigor, como o de impedir que os filhos passem. O modo de educar dos pais é de vigilância e interdições quanto às diversões, ao lazer, aos horários para chegar em casa e às viagens sem eles. O adolescente aceita determinações quando há diálogo que leva ao consenso. As áreas de conflito entre os adolescentes e os pais são aqueles referentes à interferência na sua vaidade ou no seu desleixo, à inconformidade com sua insegurança, à desconsideração de sua opinião – prevalecendo a dos pais quanto ao que e como fazer – e à não -aceitação de seus amigos. A falta de coerência entre o pai e a mãe leva o adolescente a manejá-los para obter permissão para atividades que deseja fazer. As relações básicas existentes entre pais e filhos se resumem em restrições ou concessões a viagem e lazer e em certo desinteresse de uns pelos outros.

Os adolescentes buscam a independência, e que existe conflito entre pais e filhos, onde o adolescente busca uma forma de superação da dependência familiar. Na busca dessa independência pode ir contra tudo que represente autoridade e contra as normas sociais. O movimento de independência do jovem aparece como rebeldia e contestação e espera-se que, na idade adulta, essa crise da juventude passe, chegando-se à razão. Como Morin (1975) e Mead (1969) chegam mesmo a afirmar que só o jovem conhece o mundo, a ponto de ultrapassar seus pais. Para Lapassade (1968), a crise juvenil se torna manifestação coletiva que problematiza a ordem e é decorrente das dificuldades que o jovem encontra para inserir-se no mundo adulto e adaptar-se a suas normas e instituições.

No século XX, o consumo e a cultura de massa oferecem a possibilidade de várias opções, disponíveis para todos, dependendo apenas do estilo e do gosto pessoal, de tal forma que a sociedade não impõe preferências, predomina a ênfase na liberdade. Por isso afirma-se que o indivíduo escolhe seu estilo de vida. Entretanto, existe

diversidade do comportamento adolescente, sendo que na sociedade existem várias formas de ser adolescente, desde aquele que reproduz a vida familiar e social ao que contesta, rejeita e quer mudar a sociedade. Há os adolescentes que passam por crises e conflitos e chegam à maturidade revendo seus valores e questionando a sociedade; e os outros, nos quais o conflito é gradual e contínuo, que não questionam os valores sociais.

Os pais não sabem mais o certo e o errado, se encontram confusos quanto às práticas educativas e se deve impor disciplina aos filhos. O adolescente convive com suas crises e busca de identidade e, de outro, a própria sociedade se vê em crise de autoridade e confusa quanto aos valores morais que deve adotar o que reflete nos pais e educadores.

Também os pais, em muitos casos, demonstram dificuldade em compreender e aceitar a maturação intelectual e sexual da criança, fato que os leva a qualificar usualmente a adolescência como fase difícil, esquecendo-se de apontar que essa etapa do desenvolvimento é difícil para ambos: filhos e pais. Portanto, para o estudo da adolescência, é preciso compreender também a ambivalência e a resistência dos pais e da sociedade em aceitar o processo de crescimento. (ABERASTURY, 1983)

Os pais se sentem culpados por não saberem como lidar com os filhos, passam a hesitar sobre suas normas, sobre o que é certo e errado, sobre a imposição de seus padrões morais. É muito comum o conflito com os pais. O adolescente pode começar a criticar as crenças de seus pais e familiares. Isso não significa, no entanto, que eles as estejam rejeitando, não significa que os valores e conceitos que a sua família lhe passou serão esquecidos. Pelo contrário, após refletir e se questionar, ele adota muito dos valores de sua família e os carrega por muito tempo. O que ele objetiva é entender a realidade por si mesmo, tentando não ser totalmente influenciado por seus pais. Através dessa crítica, ele poderá refletir melhor e questionar qual a validade de tudo o que lhe é ensinado. Podendo, assim, ter maior segurança em seguir ou não os ideais dos seus pais e familiares.

Desde Parsons (1968), a função básica da família é a da socialização, isto é, a interiorização das normas sociais, que leva os indivíduos a se comportar de acordo com seus postulados e mesmo a ter sentimentos de culpa quando não conseguem agir de acordo com que foi prescrito. Parsons (1968) estudou como a cultura é internalizada,

sob a forma de papéis sociais. Vê a família como pequeno grupo e como indispensável à socialização e à divisão de papéis sociais.

Enfim, a adolescência só pode ser compreendida num emaranhado de fatores de ordem individual, histórica e social, razão pela qual o desenvolvimento pessoal só pode ser compreendido na relação com o mundo. No entanto, os estudos muitas vezes acabam por fragmentar o adolescente, não permitindo percebê-lo como uma totalidade, como uma pessoa inserida em um contexto histórico social, determinado pelas relações sociais, ao mesmo tempo em que as determina. Cabe buscar a unidade, mesmo contraditória, nessa diversidade, para começarmos a caracterizar a representação social do adolescente e a dos outros sobre a adolescência.

2. O ADOLESCENTE E ESCOLA

Diante dessa realidade, onde as pessoas têm pouco tempo para ficar “em família”, a escola assume um papel de enorme importância no desenvolvimento de crianças e adolescentes. É verdade que a escola não é o único espaço de aprendizagem. De acordo com BRANDÃO (1985, p.7), sobre “o que é educação”:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Para os adolescentes, são desejáveis no (a) professor (a) a qualidade didática, o conhecimento da matéria que leciona e o interesse dos (as) alunos (as). Sendo que, os (as) alunos (as) têm como expectativa o relacionamento intersubjetivo, o compartilhar, pensamentos e aspirações, querem diálogos, querem os critérios de avaliação e esperam ser consultados até mesmo sobre o currículo. Os adolescentes querem, ainda, aulas práticas, trabalho em grupo, a permanência na sala de aula não-forçada, esporte e lazer. O (a) professor (a) é valorizado pelos (as) alunos (as) dependendo do relacionamento que estabelece com eles.

Segundo Paschoal (1985), os (as) alunos (as) querem ser ouvidos pelos (as) professores (as), rejeitam aqueles que parecem distantes, donos da verdade e aceitam os que mostram dedicação, disponibilidade, carinho, amizade, paciência e respeito. Açam que o (a) professor (a) deve aceitar reivindicações justas e que é responsável pelo comportamento do (a) aluno (a). Os (as) professores (as) permissivos levariam à

indisciplina, e a conversa, na sala de aula, ocorreria quando o ensino é desinteressante. Para os alunos, a indisciplina deve ser discutida com os próprios alunos e não com os pais, e o aluno indisciplinado deve ficar em turmas à parte, mas serem excluídos da escola.

Em 1945, eram desejáveis, no professor, a solidariedade, a cultura, a retidão moral, o autocontrole, a clareza de expressão e a justiça. Em 1963, era estimado o professor que ensinasse bem, fosse justo e simpático, e não tão considerado o professor bravo, ruim, que exigisse muito e fosse antipático. Em 1966, alunos de escolas secundários estavam satisfeitos com a escola e acreditavam que os professores ajudavam no seu desenvolvimento pessoal e que se interessavam mais pelas disciplinas que percebiam como importantes para a sua futura profissão. Já os alunos universitários, embora também preocupados com a profissão futura, estavam mais voltados para a formação humanista. Pfromm Netto (1968), a partir da revisão desses estudos, propôs que a escola seja reformulada – tenha clima amistoso, de companheirismo, que leve os alunos a confiar nos professores; mantenha relações íntimas e cooperativas com os pais; tenha um ensino estimulante, com atividades extracurriculares, como educação sexual, higiene e saúde; e ligue-se ao mundo exterior.

A escola é uma instituição, onde os adolescentes ficam a maior parte do seu dia, a escola é o ambiente em que os adolescentes aprendem os conhecimentos científicos, como também os valores sociais. Assim, escola é uma referência e tem uma importância indiscutível e marcante na vida do adolescente. Pois, é um espaço onde valores são colocados e vivenciados, seja de forma explícita ou implícita.

Na escola, o adolescente terá contato com diversas pessoas. Assim, vai encontrar entre elas as que ele mais se identifica e, assim, formar “grupo de iguais”, dessa forma, o adolescente não se sente sozinho em suas escolhas e gostos. Além, disso, os jovens têm a possibilidade de, na instituição escolar, entrar em contato com outros adultos que não são seus pais, tendo, outras pessoas como referência.

Segundo Zagury (1996), o adolescente estuda porque acredita que é importante para a sua vida, embora se queixe de que a escola está ultrapassada e fora da realidade. Contudo, as opiniões positivas a respeito da escola prevalecem sobre as negativas. Para os adolescentes, o professor ensina bem, mas os jovens das classes sociais mais favorecidas mostram-se mais críticos e exigentes em relação a ele. Se a aula é

compreendida como desinteressante e se não houver punição por parte da escola, o aluno deixa de assistir a essa aula. A cola nas provas é justificada pelo fato de não gostar de estudar, de boas notas darem *status* no grupo, de trazer vantagens em casa, porque as matérias são desinteressantes e os professores não identificam. Já se sentiram, em sua maioria, injustiçados nas avaliações escolares.

Para Paschoal (1985), a escola é percebida como opressiva pelos alunos, que sentem o ensino como cansativo e desinteressante, pois não corresponde às suas expectativas. Vistas de regras só estudam em véspera de prova, e a fraude para obter aprovação é vista com admiração. Às vezes, chegam a deprecar a escola por influência de grupos, desejo de aparecer e revolta, ao mesmo tempo em que sentem medo de praticar esses atos pelas normas disciplinares da escola. Paschoal (1985) conclui que a educação escolar só terá significado quando for de relacionamento e diálogo, propondo que a escola se reformule para permitir a participação de todos, permita o questionamento, não tenha preferência por alguns alunos. Para Ramos (1989), os alunos só estudam sob pressão, para passar, já que o estudo não se liga a um projeto de vida.

A escola é uma instituição ideal para que o aluno possa desenvolver várias capacidades importantes para o ser humano, tais como entender o outro, participar de atividades, cooperar, ajudar, perseverar e desenvolver autodisciplina e responsabilidade. Sendo que, é importante notar que todas essas relações e aprendizados que ocorrem no ambiente escolar podem ser benéficas ou prejudiciais, depende da situação e das pessoas envolvidas. O professor deve ser também permissivo e não entrar em conflito com os alunos, sendo que, a escola tem que se transformar, passando do controle pedagógico, ou seja, mudam-se as formas de dominação, onde a autoridade se torna democrática.

3. A RELAÇÃO DO ADOLESCENTE COM OS AMIGOS E FAMÍLIA

O ponto central de relacionamento, que o adolescente estabelece é com outro, sendo, que há uma busca de companheiros da mesma idade. Buscando, as mesmas atividades de lazer, com eles têm a maior intimidade e a quem procura para ir aos bares, clubes e festas. Sendo, que os adolescentes se identificam e gostam de está na companhia de amigos. Onde no grupo, as mudanças corporais são iguais, as roupas, as linguagens e gosto pela mesma música.

A adolescência é exatamente a época em que os adolescentes se “libertam” da família, dessa socialização primária que ocorre no grupo familiar, para atingir a independência pessoal. Em meio à ambiguidade, os adolescentes buscam estabelecer relações com outros da mesma idade esses relacionamentos são “marcados por forte afetividade, nas quais, pela similaridade de condição, processam juntas à busca de definição de novos referenciais de comportamento e de identidade”. (ABRAMO, 1994)

Para Moujan (1971), o grupo de amigos facilita essa separação da família, ajudando a transição entre o mundo infantil e o do adulto e contribuindo para o questionamento dos valores dos pais. O grupo tem normas e costumes próprios que podem estar em desacordo com os da família, levando, às vezes, até o uso de drogas. O grupo de amigos se torna uma forma de se contrapor ao controle familiar, como também o é o culto dos heróis, aos ídolos, aos artistas de cinema. O adolescente transfere para o grupo a dependência que tinha dos pais. O grupo ajuda a sair da família e a questionar os pais, mas, por outro lado, contraditoriamente, o faz submeter-se a um líder, a sendo que, os adolescentes, sente a vontade está em grupos.

Knobel (1973) também constata grande dependência familiar, uma vez que o adolescente busca e valoriza os pais, aceitando sua orientação, e o conselho dos mais velhos. Contudo, a relação entre pais e filhos se caracteriza pela ambivalência, pois os pais, ao mesmo tempo em que devem proteger os filhos, devem também encorajar sua autonomia. Para Ayarsa e Vera (1973), o adolescente espera dos pais orientação, mas querem ter o direito a dar opiniões e o poder de tomar suas próprias decisões.

Segundo Nascimento (1978), o desacordo entre pais e filhos é gerado por questões como as de arrumar quarto, de amigos, de namoro e de horários. Os pais esperam que o adolescente seja independente para organizar suas roupas, horas de estudo e trabalho doméstico, enquanto que o filho quer independência para sair à noite e para voltar no horário que quiser. Lane (1980) acrescenta que o jovem dá grande valor à família, comportando-se de acordo com a perspectiva social e familiar.

O relacionamento entre pais e filhos é tenso, muitas vezes, a ideia presente do adolescente desafia a autoridade paterna. Portanto, os jovens como os seus pais parecem acreditar, que há conflitos de gerações, sendo que, o adolescente valoriza a opinião dos amigos, podem ocorrer, às vezes, divergências de opiniões, em sua maioria, em questões cotidianas, ou seja, o que é certo e errado.

Para Zagury (1996), a maioria dos adolescentes aprova o modo de ser da família que, de modo geral, segue modelo de educação que mistura práticas educativas tradicionais com modernas. Os pais são vistos pelo adolescente como pessoas que o respeitam e quem procura ouvi-lo. A forma mais comum de castigo é a proibição de passeios. A mãe é mais procurada do que o pai para apoio financeiro e afetivo, o que talvez seja consequência do fato de que é ainda a mulher que está mais próxima dos filhos e é com quem convive mais no dia-a-dia. Mas é com os amigos que troca confidências. Com eles, fala de sexo, namoro, cinema e televisão.

O modelo atual de família é o da igualdade entre os indivíduos e o do respeito às diferenças individuais. Afirma-se a importância da igualdade nas relações familiares, que se tornam relações entre pares e sem exigências. A autoridade fez-se anônima, nada é verdade, tudo é certo. Os iguais nada pedem tudo compreendem e perdoam. A cultura hoje é a cultura do evitar conflitos, do suavizar o que é penoso. Substitui-se o certo e o errado por relações humanas e a “amizade se torna a nova religião”. É a relação entre iguais, onde os companheirismos é a base.

A sociedade igualitária delega a disciplina para os outros, de tal forma o amor e a disciplina não são mais cobrados da mesma pessoa, poupando-se o relacionamento de conflitos. Essa ausência aparente de conflitos pode implicar que os filhos agora se separem da família em crise e assim a rebeldia da adolescência teria de ser rediscutida. Transparece nos filhos essa situação, embora se queixem de negligência dos pais. O adolescente convive com suas crises e busca de identidade e, de outro, a própria sociedade se vê em crise de autoridade e confusa quanto aos valores éticos que deve adotar o que reflete nos pais e educadores. Sabemos, ainda, que a adolescência tende a ser uma época cada vez mais longa, estendendo-se no tempo, e que a publicidade e os meios de comunicação enaltecem a juventude, inclinando as pessoas a se comportar como jovens.

O que muito amedronta os pais é a possibilidade, das influências negativas que o grupo juvenil possa trazer para cada um de seus membros e de os filhos se viciarem em drogas ou álcool, ou de enveredarem para a delinquência, muitas vezes, a maioria dos adolescentes chegue a experimentar drogas por influência do grupo. Mas o que ocorre, geralmente, é que os adolescentes com relacionamento familiar satisfatório, sem muito autoritarismo, mas também não excessivamente permissivo, não se viciem na droga.

Desistem logo após a primeira ou segunda dose. Contudo, aqueles que tendem a se viciar realmente, ou mesmo a praticar atos delinquentes, são os adolescentes oriundos de lares desfeitos, de ambientes conflituosos, que receberam educação excessivamente permissiva e indulgente, ou sofrem influências fisiológicas.

Na idade escolar podemos considerar os pais e os companheiros como agentes socializadores importantes. Isto também é verdadeiro para a adolescência, se bem que neste caso o grupo de amigos tem como função principal a busca de identidade pessoal. Isto é, na adolescência o sujeito deve romper uma série de ligações que o prendiam ao mundo infantil. Para tanto, o relacionamento com os pais será bastante abalado, pelo questionamento que o adolescente fará de seus progenitores, de seus códigos de valores, de seu estilo de vida, de hábitos sexuais e sociais, de sua fé, de sua ideologia. Entretanto, este questionamento geralmente cria um ambiente de tensão intrafamiliar, porque é feito de maneira agressiva, desorganizada, por uma personalidade que está desestruturada, que está numa situação de busca de si mesma.

De modo geral, os pais habituados a outro padrão de relacionamento desde o nascimento do (a) filho (a), sentem-se ansiosos (as), magoados (as) e desorientados (as), sem saber muito bem como atuar em relação aos filhos adolescentes. Isto porque a adolescência dos filhos representa uma época de mudança também para os pais. Muitos deles revivem os conflitos de sua própria adolescência, seu próprio relacionamento traumático com os pais, suas indefinições quanto à escolha de uma carreira etc.

No entanto, a infância e a adolescência têm características específicas de acordo com o nível socioeconômico em que o jovem está inserido e que acaba por determinar formas diferentes de ser adolescente. Essa inserção social define o modo de ser adolescentes, assim como sua conduta, aspirações e responsabilidade.

A representação social como o processo de assimilação da realidade pelo indivíduo – fruto da integração de suas experiências, de seus valores, das informações que circulam no seu meio sobre um objeto social e das relações que ele estabelece com os outros do seu meio – orienta o seu comportamento no agir de todo dia. Assim, é constituída por experiências diretas, por pesquisas divulgadas, teorias e ideias veiculadas pelos meios de comunicação, que influenciam a forma como é elaborada a representação social da adolescência e do adolescente.

A pluralidade de motivos de ações que se entrecruzam no espaço vivo da escola reflete-se na complexidade das experiências que ocorrem nesse espaço, essas podem ser compreendidas, se visualizadas como relações vivas que ocorrem na tensão entre polos dinamizadores da ação: entre o eu e o outro, entre a afetividade e a razão, entre liberdade e limites, entre o indivíduo e o grupo social, entre as normas familiares e as normas escolares, entre o ser igual e o ser diferente, entre os padrões culturais do grupo social e as normas vigentes na sociedade.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

1. PERCURSO METODOLÓGICO

Com base na natureza e no objetivo desta pesquisa, optamos pela pesquisa qualitativa que se caracteriza por ser um tipo de investigação em que o processo é tão valorizado quanto o resultado, (LÜDKE; ANDRÉ 1986) como pelos “significados” que as pessoas dão as coisas e aos fatos de sua vida. Segundo Merriam, 1998 (apud RAUEN, 2002), a pesquisa qualitativa tem base na realidade construída por indivíduos interagindo com seus mundos sociais. Este tipo de pesquisa procura compreender situações únicas, como parte de um contexto particular e de suas interações. O pesquisador está interessado que os próprios entrevistados têm da situação sob estudo.

Embora alguns autores, como Stake (1994, p.236 e 1995, p. xi) adotem a denominação “estudos de caso qualitativos”, por terem “fortes interesse naturalístico, holístico, cultural, fenomenológico”, distinguindo-os dos não qualitativos, que “ênfaticam uma bateria de medidas e um conjunto de variáveis descritivas”, prefiro usar uma denominação que não acentue a dicotomia qualitativo-quantitativo, porque como se sabe, qualidade e quantidade estão muito associadas (André, 1995).

São muitos os métodos e as técnicas de coleta de dados em uma abordagem qualitativa e, entre eles, a entrevista semi-estruturada e a história de vida. A entrevista foi escolhida pelo fato de ser um meio básico de coleta de dados onde o entrevistado pode discorrer sobre seus pensamentos, verbalizar a respeito de suas experiências em um contato direto com o entrevistador. Esse recurso tem sido empregado em pesquisas qualitativas como uma solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados num formato padronizado (SZYMANSKI; ALMEIDA; BRANDINI 2004).

Para Minayo (1996) divide os dados obtidos na entrevista como de natureza objetiva – fatos “concretos”, “objetivos” – e os de natureza “subjetiva”, como atitudes, valores, opiniões, que só podem ser obtidos com a contribuição dos protagonistas sociais envolvidos.

Szymanski, Almeida e Bandini (2004) nos alertam para o fato de que a entrevista face a face é uma situação de interação humana, em que estão em jogo às percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, é passível de interpretações tanto do entrevistador como do entrevistado. Desse modo a entrevista é considerada como uma situação de trocas intersubjetivas, onde o pesquisador compartilha continuamente sua compreensão dos dados como participante.

A entrevista semi-estruturada é composta por uma série e perguntas abertas, feitas em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode reformular as questões e/ou acrescentar perguntas de esclarecimentos. Segundo Triviños (2006), a entrevista semi-estruturada se torna privilegiada a partir do momento que valoriza a presença do investigador e oferece todas as condições para que o entrevistado alcance a liberdade e espontaneidade necessárias do enriquecimento da investigação.

É importante lembrar que além das exigências básicas requeridas para qualquer tipo de entrevistado, ao horário e local marcado e a garantia de sigilo e anonimato em relação ao informante, o entrevistador deve cuidar como o vocabulário adequado, e com o cuidado de não forçar o rumo das respostas para determinada direção, garantindo que o informante se sinta confortável para se expressar livremente (LÜDKE; ANDRE, 1986, p.34).

No que se refere a este trabalho, as entrevistas foram realizadas na escola de origem dos sujeitos da pesquisa, em ambiente reservado, tiveram duração 2 horas, os adolescentes que não frequentam a escola, as entrevistas foram realizadas nas casas, tiveram duração de 1 hora, ocorreram conforme o planejado e de forma tranquila, sem nenhum tipo de dificuldade. As entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas na íntegra e analisadas à luz da técnica de análise de conteúdos (Moraes, 1999).

2. LOCAL DE ESTUDO E CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

O estudo foi realizado na dependência de um colégio público estadual da cidade de Marabá/PA, estudantes do 1º ano, do ensino médio e adolescentes que não frequenta a escola. Os participantes desta pesquisa são 7 adolescentes dos sexos masculino e feminino, com idade 15 e 17 anos, 5 estudantes do ensino médio da rede pública e 2 adolescentes que estão evadidos da escola.

Como estamos discutindo sobre a evasão escolar na adolescência, optou-se pela faixa etária de 15 e 17 anos por compreender a idade de adolescentes do ensino médio, supostamente com autonomia para fazer escolhas, inclusive para optarem ou não de participarem da entrevista e responder o questionário. No entanto, por se encontrarem em faixa etária que caracteriza adolescência, atendendo ao Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) que os considera pessoas em estágio peculiar de desenvolvimento são considerados como parte de grupos vulneráveis.

A pesquisa foi predominantemente qualitativa e as entrevistas realizadas objetivam enriquecer as abordagens, já que um novo olhar sempre traz novas possibilidades de investigação. Analisando as respostas, sentimos a necessidade de confrontar dados referentes à evasão escolar na adolescência, com adolescentes que hoje frequentam a escola e adolescentes evadidos da escola, então foram elaborado questionários endereçado a esses adolescentes.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Após a transcrição das entrevistas, teve início a análise de conteúdo, escolhida por ser uma técnica de análise que têm por objetivo ir além da compreensão imediata e espontânea, ou seja, é usada para descrever e interpretar o corpus (conteúdo de documentos e textos que compõem os dados a serem analisados), se prestando a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível além de uma leitura comum. Representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias, é uma atividade essencialmente interpretativa, e como sendo uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados, não é possível uma leitura neutra (MORAES, 1999)

Numa abordagem qualitativa, a descrição é realizada através de um texto síntese para todas as categorias, expressando o conjunto de significados presentes nas diferentes unidades e análise, fazendo-se uso intensivo de “citações diretas” dos dados originais. É o momento de expressar os significados captados das mensagens. No texto produzido como resultado da análise é que se poderá compreender a validade da pesquisa e de seus resultados.

4. A VOZ DOS PROTAGONISTAS DA ENTREVISTA

O Quadro apresenta o perfil dos adolescentes protagonistas e sujeitos da pesquisa, os 5 primeiros são os adolescentes que estudam e os 2 últimos são os adolescentes que não frequentam a escola. Além disso, o quadro mostra a idade dos adolescentes, escolaridade e profissão dos pais, os pais incentivam nos estudos, os adolescentes estudam e trabalham.

PERFIL DOS ADOLESCENTES

NOME	IDADE	ESTUDA	TRABALHA	ESCOLARIDADE DOS PAIS	PROFISSÃO DOS PAIS	PAIS INCENTIVAM ESTUDAR
WEMERSON	17	SIM	SIM	PAI NÃO ESTUDOU E MÃE 4° SÉRIE	PAI E MÃE AUXILIAR DE COZINHA	SIM
JHONATHAN	17	SIM	NÃO	PAI E MÃE ENSINO FUNDAMENTAL	MÃE DONA DE CASA	SIM
MATHIAS	17	SIM	SIM	MÃE NÃO ESTUDOU	MÃE DONA DE CASA	SIM
JULIO	17	SIM	NÃO	NÃO MUITO BOA	PAI TRABALHA NA FAZENDA E MÃE DONA DE CASA	SIM
LAISA	15	SIM	SIM	PAI ENSINO SUPERIO	PAI POLICIAL CIVIL	SIM
MILLE	17	NÃO	SIM	PAI ENSINO FUNDAMENTAL	PAI PADEIRO	NÃO
GLAMYELSON	17	NÃO	SIM	PAI ENSINO MÉDIO E MÃE 4° SÉRIE	PAI AUTONOMO	SIM

Fonte: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

No município de Marabá no ano de 2013, existem 118 escolas públicas, o quadro mostra a série e quantidades de alunos matriculados.

QUANTIDADES DE ALUNOS (AS) MATRICULADOS (AS) (2013)

MATRÍCULA	QUANTIDADES DE ESTUDANTES
6º ano	3.885 estudantes
7º ano	3.538 estudantes
8º ano	3.173 estudantes
9º ano	3.011 estudantes

Fonte: Censo Escolar 2013, Inep. Organizado por Meritt, 2014

O quadro abaixo mostra a taxas de rendimentos do ano de 2013, do município de Marabá, sendo que com o baixo rendimento faz com que o aluno seja reprovado e abandonar a escola.

TAXAS DE RENDIMENTOS (2013)

SÉRIE	REPROVAÇÃO	ABANDONO	APROVAÇÃO
6º ano	17,8% 692 reprovações	3,6% 140 abandonos	78,6% 3.054 aprovações
7º ano	14,7% 521 reprovações	4,1% 146 abandonos	81,2% 2.873 aprovações
8º ano	10,9% 346 reprovações	4,1% 131 abandonos	85,0% 2.698 aprovações
9º ano	8,4% 253 reprovações	4,1% 124 abandonos	87,5% 2.635 aprovações

Fonte: Censo Escolar 2013, Inep. Organizado por Meritt, 2014

Algumas escolas do município de Marabá, ano de 2013 com o índice de distorção idade-série:

DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE NAS ESCOLAS (2013)

ESCOLAS	PORCENTAGEM DOS ALUNOS
Luzia Nunes Fernandes	19%
Inácio de Souza Moita	30%
Jonathas Pontes Athias	27%
Coronel Magalhães Barata	30%

Fonte: Censo Escolar 2013, Inep. Organizaao por Meritt, 2014

Quando o aluno reprova ou abandona os estudos por dois anos ou mais, durante a trajetória, ele acaba repetindo uma mesma série. Nesta situação, ele dá defasagem em relação à idade considerada adequada para cada ano de estudo, de acordo com que propõe a legislação educacional do país. Trata-se de um aluno que será contabilizado na situação de distorção idade-série. O quadro mostra a distorção idade-série.

DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE (2013)

SÉRIE	PORCENTAGEM DOS ALUNOS
6º ano	37% atraso escolar de 2 anos ou mais
7º ano	37% atraso escolar de 2 anos ou mais
8º ano	29% atraso escolar de 2 anos ou mais
9º ano	27% atraso escolar de 2 anos ou mais

Fonte: Censo Escolar 2013, Inep. Organizado por Meritt, 2014

Durante a entrevista, pedimos que o (a) entrevistado (a), falasse sobre a adolescência e o adolescente é contraditório. De um lado, reflete a imagem genérica de adolescência – viver a vida, despreocupado com o futuro, com o trabalho, com o estudo – e, de outro, as dúvidas e incertezas quanto ao seu próprio futuro. Mesmo quando as condições sociais diferentes os levem a ter expectativas diversas. Vamos aprofundar um pouco a análise desses componentes apresentando aspectos da vida desses adolescentes.

A pessoa ser adolescente é difícil, começando no emprego, ter um emprego é muito difícil, difícil demais o cara nem sempre trabalha no que gosta, enquanto isso a pessoa tem que ralar mesmo no duro na oficina em qualquer outra profissão, para manter e para ajudar a família também. (Mathias)

Eu penso que estudar é bom, porque o estudo não é para hoje, é para o futuro, porque quem quer ser médico, engenheiro tem que estudar muito para conseguir isso. (Mille)

Em Lapim (1983), o adolescente diz que as relações com os pais são excelentes e com a mãe são ainda melhores. Para ela, o adolescente tem imagem idealizada dos pais que contribui para manter a ideologia familiar patriarcal. No entanto, cabe discutir e tornar relativas essas conclusões pelo fato de o adolescente, como parece, compartilhar os ideais e valores dos pais. Segundo Lasch (1991), no século XX, glorifica-se a juventude e diminui-se a autoridade dos pais.

A falta de coerência entre o pai e a mãe leva o adolescente a manejá-los para obter permissão para atividades que deseja fazer. O relacionamento familiar é descrito, pois como bom. Essa idealização, todavia, não é absoluta quando os adolescentes apontam as restrições que os pais lhes impõem:

Meu pai não está nem ai para mim, nem liga, a relação com o meu pai é boa, mais não tenho contato com ele. (Mathias)

A convivência com meus pais são boa, certo que há umas discussões, sempre para chegar a uma conclusão. (Mille)

A relação com os pais são mais ou menos, a gente briga muito. (Laisa)

O comportamento do professor, também pode ser levado em consideração, àquele que tem atitudes sobre o aluno, que tenha uma relação razoavelmente com eles, que poderá obter resultados tanto positiva e negativa e criar atitudes e expectativas.

Essa percepção de que é pela escola que o lugar social é definido, de tal modo que ser formado possibilita futuro melhor, é que possivelmente os levem a afirmar que o bom professor é aquele que de verdade dá aula, isto é, se preocupa em transmitir um conhecimento. Os alunos em seus depoimentos valorizam no professor qualidade como: dedicação, o interesse pela matéria que leciona a vontade de dar aula, o hábito da pontualidade e de impor respeito na sala de aula.

Parecem que esperam que os professores, de certa forma, os obriguem a estudar, enquadrando-os nas normas, em função de suas necessidades futuras, definindo normas sobre o que é permitido ou proibido fazer. Sendo assim, os alunos reafirmam a importância que dão aos estudos ao falar sobre como deve ser o professor para o adolescente. Esperam que os professores se preocupem com o ensino, que sejam exigentes e que os obriguem a estudar:

O professor chega à sala, passa tarefas só falando a páginas do livro, passa um monte de tarefas para casa. Em vez de o professor chegar à sala e explicar o conteúdo, explicar se está certo e errado, colocar os alunos para estudar

mesmo. Fala a página do livro e não está nem aí, se o aluno fez ou não a tarefa. Os professores que ensinam são poucos. (Mathias)

Estudar a noite é difícil, os professores vêm cansados dar aula para a gente, já vem com aquele como é que fala, já vem com o juízo um pouco gastado, por conta do decorrer do dia, então o ensino é muito fraco. (Laisa)

A educação pode não ser o único meio de o adolescente ter uma sobrevivência melhor, mas sem ela, poderá ter uma muito pior. A educação propicia uma vida favorável à cidadania, com condição de auto sustento; sem ela, as distâncias sociais aumentam, o adolescente vai ter menos oportunidades.

Para os entrevistados, a ideia de um futuro melhor está relacionada à ascensão social, ao status, à estabilidade financeira. Essas aspirações e desejos são compartilhados por todos, independentemente do sexo, série e situação financeira da família. Mesmo quando as condições sociais diferentes os levam para as expectativas diversas. Vamos aprofundar um pouco na análise desses componentes apresentando aspectos da vida desses adolescentes.

Portanto, os estudos e a definição profissional são entendidos como pontos centrais para a realização dos desejos futuros, ou seja, crêem que é através da escola que as expectativas futuras são concretizadas.

Eu pretendo no futuro é ser policial, estudar, preparar para o concurso é meio complicado para chegar até lá, mais é o que eu imagino ser. (Mille)

Quero ser professora. (Laisa)

Pretendo ser Sargento das Forças Armadas Exército. (Glamyelson)

Não penso ainda na profissão. (Júlio)

Advogado. (Mathias)

Ainda não sei a profissão. (Jhonathan)

Quero ser Engenheiro Civil. (Wemerson)

O adolescente sente orgulho em trabalhar, ou seja, um recurso para ter “liberdade”. O trabalho também é valorizado pela família que o encara como uma forma de tornar o adolescente responsável. Portanto, é possível estudar e trabalhar:

Sim, depende do interesse da pessoa. (Wemerson)

Não. (Jhonathan)

Sim, só ter determinação. (Julio)

Não. (Mille)

Não, trabalhar e estudar são muito difíceis. (Mathias)

Sim, com certeza. (Laisa)

Sim, basta querer. (Glamyelson)

Outro fator importante, que pode ser destacado para a evasão escolar é a influência negativa, que o adolescente pode ter:

Deixei de estudar, por está em companhias erradas... (Glamyelson)

Deixei de estudar, por falta de interesse. (Mille)

Em relação à família e escola é fundamental que estes se aproximem do adolescente, tendo um espaço de discussão, na qual não terão somente deveres a cumprir, mas um espaço de construção de uma vida melhor para os adolescentes.

O que os adolescentes pensam sobre a educação e a importância que os jovens dão a escola:

É muito bom para nós, porque a escola nos ajuda até conhecimento e conseguir um emprego melhor. (Wemerson)

A educação é muito importante para o futuro. (Julio)

Educação é tudo na vida de qualquer pessoa e conhecimento é buscado. (Laisa)

É muito importante a educação todos nós precisamos. (Glamyelson)

A pessoa sem educação não é nada, a sociedade cobra se eu não estou estudando hoje ou amanhã, daqui a 5 anos vai fazer falta, a sociedade vai cobrar, por isso que estudo para realizar meu sonho, tenho vontade de crescer. (Mathias)

Ao jovem e adolescente é importante à desmistificação do slogan de que são “aborrecentes” e não jovem que vivem suas angústias, tanto pelas mudanças físicas como psicológicas, e que os questionamentos e críticas podem ser direcionados de forma positiva e criativa. Desenvolver no jovem uma reflexão crítica de compreensão de si mesmo e do mundo no qual está inserido. A partir desta análise ferramentas educacionais podem ser construídas para facilitar aos adolescentes mudanças de atitudes, que o tornará mais confiante em suas escolhas, nos conhecimentos que possui passando a viver com maior responsabilidade. Desenvolver a auto estima do adolescente parece ser crucial. Só através da segurança em suas atitudes pessoais, poderá conviver com grupos diferentes, sem que tenha que segui-los para auto-afirmar-se.

Eu acho da adolescência, depois que completei 15 anos é muito difícil a minha convivência com a minha mãe e o meu pai, porque eu quero que eles me entendam e eles querem que eu os entenda, então é muito difícil, porque a

gente começa a viver tudo, as coisas intensamente e a adolescência para mim é isso que estou vivendo, fazendo as coisas sem pensar na reação e nas consequências e adolescência é isso que estou vivendo, viver a vida intensamente. (Laisa)

Ser adolescente é muito complicado, tem que pensar no futuro e arrumar emprego é muito difícil. (Mathias)

Ser adolescente é meio complicado, porque como eu mudava muito, conhecia muitas pessoas, é muito difícil de repente você tem que pensar o que quero ser, tipo quer estudar para quer, ser advogado, ou engenheiro, médico, aí foi muito difícil para mim, na hora que bateu a real, a realidade. Tem pessoas é preparado desde pequeno, acho que faltou isso para mim. (Mille)

É ser uma pessoa que pode definir o seu caminho pela frente, ser uma pessoa que possa sonhar. (Glamyelson)

Começo de vida. (Julio)

A adolescência é uma fase. (Jonathan)

É ser independente e poder ir para qualquer lugar. (Wemerson)

Essa fase da adolescência, só pode ser caracterizada como emaranhado de fatores de ordem individual, por se associar à maturidade, cultura em que o adolescente está inserido, o desenvolvido pessoal, biológico e psicológico deve ser compreendido em relação às condições socioculturais e históricas que determinam formas de ser. Os resultados das pesquisas indicam que, nessas áreas, o adolescente comporta-se como adulto. Em outras, como criança, sendo mais impulsivo menos consistente e mais contraditório, uma fase de conflito que o adolescente está vivendo, etapa de vida considerada de transição entre o ser criança e o vir a ser adulto. Na adolescência, aumenta a capacidade de generalizar, de testar hipóteses, de identificar-se fora do seu meio imediato e de tomar decisões. Na sala de aula a compreensão do outro, no caso do professor, torna-se elemento fundamental para a qualidade do ofício pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação de fato é muito importante para todos (as), sendo que, devemos conscientizar a família como papel principal, no processo educativo do indivíduo, responsabilizar as escolas para que tenham bons professores (as) e o estado ofereça escolas de qualidade e bem equipadas, para garantir que todas as crianças de nossa nação tenham bons professores (as), todas as comunidades tenham boas escolas, todos os estados tenham bons padrões e uma responsabilidade, portanto, devemos insistir que a educação plena e o alto aproveitamento sejam metas ao alcance de todos (as).

A família e a escola são primordiais na vida dos adolescentes, sendo que, as escolas tem o discurso de culpar os adolescentes e a família pela evasão escolar. Acreditamos que muito mais que procurar a quem atribuir à culpa, é preciso compreender que existem fatores exteriores que determinam na tomada de decisão dos (as) alunos (as) em abandonar a escola, que envolvem: as condições sociais, culturais, econômicas, históricas, que permeiam a problemática da evasão escolar.

Os depoimentos coletados, mesmos de pessoas em contexto, condição social e idades diferentes, apresentam traços e evocam imagens que são comuns a todos (as) os (as) entrevistados (as), indicando que há tendência à homogeneização das características do adolescente e da adolescência. As falas convergem em alguns pontos centrais, revelando, mesmo, enrijecimento perceptivo que traduz uma representação social do adolescente social do adolescente e da adolescência.

A representação social dos (as) alunos (as) sobre a adolescente e a adolescência expressa também sobre as dúvidas e incertezas quanto ao seu futuro pessoal e a crença no estudo e no trabalho como fatores importantes para realizar expectativas futuras. Todos (as), independentemente de sexo, série, escola e situação financeira da família, compartilham essas aspirações, desejos e medos e se mostram preocupados com seu futuro, emprego, estudos e profissão, que podem garantir situação financeira estável.

Sendo que, para alguns adolescentes a escola é local de convivência social, lugar para passear e encontrar amigos (as), portanto o desinteresse do adolescente pelos estudos embora afirmem também que, pelo menos para alguns alunos (as), a escola é veículo de ascensão social, de obter diploma, de conseguir emprego melhor e de

definição profissional. Compreende que, tem alunos (as) adolescentes vão à escola para obter diploma e melhor emprego revela, no adolescente, preocupação com o futuro.

Entende que, a escola é realmente local de convívio social, de encontro de amigos e de passeio e muitos afirma que não gostam de estudar, mas é, ao mesmo tempo, o meio pelo qual esperam realizar suas aspirações e expectativas futuras. Mesmo que nem todos (as) gostem de estudar atribuem grande importância ao estudo na definição de suas expectativas de vida. Sendo que, o adolescente tem de estudar para poder ter futuro garantido. Os (as) alunos (as) esperam que a escola se preocupe com o ensino, que seja exigente e de certa forma que os obrigue a estudar. Tudo isso nos leva a inferir que pensa que é pela escola que esperam ter futuro garantido e que cabe aos professores (as), de certo modo, obrigá-los a isso, a disciplinando-os para atingir esse objetivo.

Conclui-se que a família e escola são responsáveis pela formação educacional das crianças e adolescentes, conscientizá-los (as), sobre a importância dos estudos, sendo que a evasão escolar constitui uma negação desta formação. Sendo que, a aproximação entre alunos (as), professores (as) e núcleo gestor das escolas, proporcionar a participação dos alunos (as) nas atividades escolares, integração e maior colaboração e, conseqüentemente, o sucesso do coletivo escolar, compreende, que os (as) alunos (as) querem dialogar, querem conhecer os critérios de avaliação, querem aulas práticas, trabalho em grupo e a permanência na sala. Compreende que os (as) alunos (as) que abandona a escola, enfrentam uma vida inteira de oportunidades limitadas.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. Adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. 2ª Ed.
- ABERASTURY, Armanda, KNOBEL, Mauricio. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ABERASTURY, A., KNOBEL, M. Adolescência Normal. 10. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- ABRAMO, Helena. W. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scitta/Página Aberta, 1994.
- ABRAMOVAY, M. ET. Al. Juventudes e sexualidade. Brasília: Unesco Brasil, 2004.
- AQUINO, Julio G. Erro e fracasso na escola. Alternativas teóricas e práticas. São Paulo, Ed. Summus, 1997.
- AYARSA, Magdalena, VERA, Maria T. Identidad y aprendizaje en la adolescência. In: BLEGER, José (org). la identidad em el adolescente. Buenos Aires: Paidós/Assapia, p. 65-78, 1973.
- BALEEIRO, M. C. ET. Al. Sexualidade do adolescente- Fundamentos para uma ação educativa. Salvador: Fundação Odebrecht e Secretária de Educação do Estado da Bahia, 1999.
- BERSTEIN, B. Uma crítica ao conceito de educação compensatória. In Brandão, Zaia, org.
- BOHN, Cristina; FORSTER, M. M. S. Adolescência x formação de professores de Língua Portuguesa: interesses e (m) conflito. In: Rute Viviam Angelo Baquero. (Org.). Agenda jovem: O Jovem na Agenda. Ijuí: Unijué, 2008, p. 73-89.
- BRANDÃO, C. Rodrigues. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRANDÃO, Zaia ET alii. Elaboração de um programa de formação de professores para as 1ª sereis de 1º grau. Rio de Janeiro, PUC/SEAT, 1980.
- BRASIL, O Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº. 8069, 13 de julho de 1990.
- DEMO, Pedro. A nova LDB: ranços e avanços. 12 ed. São Paulo: Papyrus, 2001.

ELKIND, David. Crianças e adolescentes: ensaios interpretativos sobre Jean Piaget. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ERICKSON, F. Transformation and school success: the politics and culture of educational achievement. *Antropology e Education Quarterly*, 18 (4), 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1987. p. 184.

GALLATIN, Judith. *Adolescência e individualidade: uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência*. São Paulo: Harper & Row, 1978.

GOLDEMBERG, José. O repensar da educação no Brasil. São Paulo, maio/agosto de 1993, *Estudos Avançados – USP*, v. 7, n.8 p. 65-137.

HADDAD, W. Educacional and economic effects of promotion repetition practices. Staff Working Paper n° 319, Washington, The World Bank, 1979.

KNOBEL, Maurice, Garcia, Maria Júlia, GIWERMANN, Leonor. Aspectos del proceso de identificación em la adolescência. In: BLEGER, José (org.). *La identidad en El adolescente*. Buenos Aires: Paidós/Assapia, 1973.

KNOBEL, Maurice. Um enfoque psico-social de La juventud contemporânea. *Rev. Argentina de Psiquiatria y Psicologia de la Infancia y la Adolescencia*. Buenos Aires: Kargienam, Cuaderno 1, 1971.

LANE, S. T. M. e os outros. Significado psicológico de família, política e moral para adolescentes em escolas de 2º grau de São Paulo. *Caderno PUC, São Paulo, Educ-Cortez*, n. 4, mar. 1980, p. 11-27.

LAPIN, Ana M. P. F. *Percepções de adolescentes: relações pais e filhos e características parentais*. São Paulo, 1983. [Dissertação de Mestrado – PUC.]

LASCH, Christopher. *Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?* Rio de Janeiro: Paz e Terra 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da Escola Pública: A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos*. 6. Ed., São Paulo: Loyola. 1984.

LDB Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n°. 9.394/96, Brasília: 1996.

LUDKE, M. ANDRÉ, M.E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MEKSENAS, Paulo. Sociologia da Educação: Uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social. 2ª Ed., São Paulo: Cortez, 1992.

MILLANI, F. Adolescência, família e escola: sistema intrigado que aflige a vida do jovem: como melhor entendê-lo. **Diálogo Médico**, v. 18, n. 1, p. 14-17, 1992.

MINAYO, M. C.S. O desafio do conhecimento. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

MONTEIRO, R. (2009). Insucesso e Abandono Escolar. Porto: Universidae Portucalense

MORAES, R. Análise de Conteúdo. Revista Educação. Porto Alegre. N ° 37. Março/1999.

MORIN, E. O Enigma do homem. Rio de Janeiro: Zahar/Biblioteca de Ciências Sociais, 1975; MEAD, M. Sexo e temperamento. São Paulo: Perpectiva, 1969; LAPASSADE. G. Sociologia da juventude, v. 3, Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MOUJAN. O. F. Adolescentes y cultura. Rev. Argentina de Psiquiatria y Psicologia de la Infancia y la Adolescencia, Buenos Aires, Kargienam, Cuaderno 1, 1971.

NASCIMENTO, Sônia R. Gattás. Atitudes e valores de adolescentes da cidade de São Paulo: um estudo com alunos de 2º grau. São Paulo, 1978. [Dissertação de Mestrado-PUC].

NERI, Anita Liberalesso. A motivação do estudante? Abordagem comportamental. In: La Puente, M. (Org.). Tendências contemporâneas em psicologia da educação. São Paulo. Cortez, 1992.

NUNES, C. (2000). A função social da escola e sua relação com a avaliação escolar e objectivos de ensino. Lisboa: Trilhas.

PARSONS, Talcott (org.). Uma visão geral. In: A Sociologia americana: perspectivas, problemas, métodos. São Paulo: Cultrix, 1968.

PASCHOAL, Nícia. O discurso do adolescente: um enfoque fenomenológico hermenêutico. São Paulo, 1985. [Tese de Doutorado- PUC.]

PATTO, M. H. S. A produção do fracasso escolar. T. A. Queiroz, editor. SP. 1990.

PFROMM NETTO, Samuel, Psicologia da Adolescência, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

PIAGET, JEAN. Psicologia da inteligência. 2ª Ed. São Paulo: Fundo de Cultura, 1967.

PIAGET, J. The origins of intelligence in children. New York: The Norton Library, 1962.

RAMOS, Evilásio A. Adolescência: desafios aos educadores. Educação em debate, Fortaleza, ns. 17 e 18, jan./dez. 1989.

RAUEN, F.J. Roteiros de investigação científica. Tubarão: Editora Unisul, 2002.

SCHIFELBEIN, E. & SIMMONS, J. Determinantes del rendimiento escolar: reseña de La investigación para los países em desarrollo. Ottawa, IDRC, 1981.

SZYMANSKI, H. (ORG) Almeida, L. R. BRANDINI, R. C. A. R. A entrevista na pesquisa em educação: A prática reflexiva. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

SOARES, M. B. Linguagem e escola. Uma perspectiva social. Ática, SP. 1986.

TERZI, S. B. A construção da leitura. Pontes, Campinas. 1995.

TIBA, I. Puberdade e Adolescência: desenvolvimento biopsicossocial. São Paulo: Àgora, 1986.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ZAGURY, T. O adolescente por ele mesmo. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ANEXO

Nome: Wemerson

Idade: 17 anos

Você gosta de estudar?

Sim

Qual sua relação com os professores e os colegas da sala?

É muito boa

Seus pais incentiva você estudar?

Sim

Você tem uma boa relação com seus pais?

Sim

Você deixou de frequentar a escola? Por qual motivo?

Não, nunca

Por quanto tempo você deixou de frequentar a escola?

Nunca

O que você faz, quando não está na escola?

Trabalho

Qual profissão dos seus pais?

Auxiliar de cozinha e meu pai auxiliar também

Qual a escolaridade dos seus pais?

Minha mãe fez até o 4º ano e meu pai nunca estudou

O que é ser adolescente para você?

É ser independente e poder ir pra qualquer lugar, etc

Trabalhar e estudar são uma coisa possível?

Sim

Você realmente considera o estudo importante?

Sim

Se você tivesse que optar entre trabalhar e estudar, com qual optaria?

O estudo

Você estuda por que gosta, os seus pais obriga a estudar?

Eu estudo porque gosto

Seus pais fiscalizam as suas tarefas da escola?

Mais ou menos

Você trabalha? E o seu trabalho prejudica seus estudos?

Sim, não

Você trabalha para se sustentar ou para ajudar a família?

Os dois

Qual profissão você pretende ter? E o estudo é importante para você?

Engenheiro civil, sim

O que você pensa a respeito da educação, qual a importância que você dá a escola e ao conhecimento?

É muito bom para nós, porque a escola ajuda nós a ter conhecimento e conseguir um bom emprego.

Nome: Jhonathan

Idade: 17 anos

Você gosta de estudar?

Sim

Qual a relação com os professores e os colegas da sala?

Boa

Seus pais incentiva você estudar?

Sim

Você tem uma boa relação com seus pais

Sim

Você deixou de frequentar a escola? Por qual motivo?

Não

Por quanto tempo deixou de frequentar a escola?

Nunca

O que faz, quando não está na escola?

Faço cursos

Qual profissão dos seus pais?

Dona de casa

Qual a escolaridade dos seus pais?

Fundamental

O que é ser adolescente para você?

Uma fase

Trabalhar e estudar são uma coisa possível?

Não

Você realmente considera o estudo importante?

Sim

Se você tivesse que optar entre o trabalho e o estudo com qual ficaria?

Estudo

Você estuda porque gosta os seus pais te obrigam a estudar?

Gosto

Seus pais fiscalizam as suas tarefas da escola?

Não

Você trabalha? E o seu trabalho prejudica seus estudos?

Não

Você trabalha para se sustentar ou para ajudar a família?

Só estudo

Que profissão você quer ter? E o estudo é importante para você?

Ainda não sei, sim

O que você pensa a respeito da educação, qual a importância que você dá a escola, ao conhecimento?

Boa

Nome: Mathias

Idade: 17 anos

Você gosta de estudar?

Sim

Qual a relação com os professores e os colegas da sala?

No início foi difícil, porque a professora era muito mal educada e os alunos são desunidos.

Seus pais incentiva você estudar?

Sim

Você tem uma boa relação com seus pais?

Sim

Você deixou de frequentar a escola? Por qual motivo?

Não

Por quanto tempo você deixou de frequentar a escola?

Nunca

O que você faz, quando não está na escola?

Trabalho

Qual a profissão dos seus pais?

Dona de casa

Qual a escolaridade dos seus pais?

Não sei

O que é ser adolescente para você?

É muito bom

Trabalhar e estudar são uma coisa possível?

Não

Você realmente considera o estudo importante?

Sim

Se você tiver que optar entre o trabalho e o estudo com qual ficaria?

Estudo

Você estuda porque gosta os seus pais te obrigam a estudar?

É porque gosto

Seus pais fiscalizam as suas tarefas da escola?

Não

Você trabalha? E o seu trabalho prejudica seus estudos?

Sim, não

Você trabalha para se sustentar ou para ajudar a família?

Para ajudar a família

Que profissão você quer ter? E o estudo é importante para você?

Advogado, sim

O que você pensa a respeito da educação, qual a importância que você dá a escola, ao conhecimento?

Bom

Nome: Júlio

Idade: 17 anos

Você gosta de estudar?

Gosto

Qual a relação com os professores e os colegas da sala?

Normal

Seus pais incentiva você estudar?

Meu pai

Você tem uma boa relação com seus pais?

Sim tenho

Você deixou de frequentar a escola? Por qual motivo?

Às vezes, por está doente

Por quanto tempo você deixou de frequentar a escola?

Nenhum tempo

O que você faz, quando não está na escola?

Trabalho

Qual a profissão dos seus pais?

Dona de casa minha mãe e meu pai trabalham na fazenda

Qual a escolaridade dos seus pais?

Não muito boa

O que é ser adolescente para você?

Começo de vida

Trabalhar e estudar são uma coisa possível?

Sim, só ter determinação.

Você realmente considera o estudo importante?

Sim

Se você tiver que optar entre o trabalho e o estudo com qual ficaria?

Estudo

Você estuda porque gosta os seus pais te obrigam a estudar?

É porque gosto

Seus pais fiscalizam as suas tarefas da escola?

Não

Você trabalha? E o seu trabalho prejudica seus estudos?

Sim, não

Você trabalha para se sustentar ou para ajudar a família?

Trabalho para ter meu dinheiro

Que profissão você quer ter? E o estudo é importante para você?

Não penso ainda a profissão, sim

O que você pensa a respeito da educação, qual a importância que você dá a escola, ao conhecimento?

Que a educação é muito importante também

Nome: Laisa

Idade: 15 anos

Você gosta de estudar?

Sim

Qual a relação com os professores e os colegas da sala?

Ótima

Seus pais incentiva você estudar?

Sim

Você tem uma boa relação com seus pais?

Mais ou menos, porque a gente briga muito

Você deixou de frequentar a escola? Por qual motivo?

Não

Por quanto tempo você deixou de frequentar a escola?

Nenhum tempo

O que você faz, quando não está na escola?

Trabalho

Qual a profissão dos seus pais?

Policia civil

Qual a escolaridade dos seus pais?

Nível superior

O que é ser adolescente para você?

Viver a vida intensamente

Trabalhar e estudar são uma coisa possível?

Sim, com certeza

Você realmente considera o estudo importante?

Sim, com certeza

Se você tiver que optar entre o trabalho e o estudo com qual ficaria?

O estudo

Você estuda porque gosta os seus pais te obrigam a estudar?

Porque gosto

Seus pais fiscalizam as suas tarefas da escola?

Raramente

Você trabalha? E o seu trabalho prejudica seus estudos?

Sim e não prejudica

Você trabalha para se sustentar ou para ajudar a família?

Pra me sustentar

Que profissão você quer ter? E o estudo é importante para você?

Quero ser professora, sim

O que você pensa a respeito da educação, qual a importância que você dá a escola, ao conhecimento?

Educação é tudo na vida de qualquer pessoa e conhecimento é buscado.

Nome: Mille

Idade: 17 anos

Você gosta de estudar?

Não

Qual a relação com os professores e os colegas da sala?

Não tenho

Seus pais incentiva você estudar?

Sim

Você tem uma boa relação com seus pais?

Sim

Você deixou de frequentar a escola? Por qual motivo?

Sim, por falta de interesse.

Por quanto tempo você deixou de frequentar a escola?

1 ano

O que você faz, quando não está na escola?

Trabalho

Qual a profissão dos seus pais?

Padeiro

Qual a escolaridade dos seus pais?

Fundamental

O que é ser adolescente para você?

Viver a vida

Trabalhar e estudar são uma coisa possível?

Sim

Você realmente considera o estudo importante?

Sim

Se você tiver que optar entre o trabalho e o estudo com qual ficaria?

Trabalho

Você estuda porque gosta os seus pais te obrigam a estudar?

Não estudo

Seus pais fiscalizam as suas tarefas da escola?

Não

Você trabalha? E o seu trabalho prejudica seus estudos?

Só trabalho

Você trabalha para se sustentar ou para ajudar a família?

Pra me sustentar

Que profissão você quer ter? E o estudo é importante para você?

Quero ser policial militar, sim

O que você pensa a respeito da educação, qual a importância que você dá a escola, ao conhecimento?

Precisa de melhorias.

Nome: Glamyelson

Idade: 17 anos

Você gosta de estudar?

Sim

Qual a relação com os professores e os colegas da sala?

Era boa

Seus pais incentiva você estudar?

Sim

Você tem uma boa relação com seus pais?

Sim

Você deixou de frequentar a escola? Por qual motivo?

Sim, por companhias erradas...

Por quanto tempo você deixou de frequentar a escola?

1 ano

O que você faz, quando não está na escola?

Ajudando o pai

Qual a profissão dos seus pais?

Meu pai é autônomo

Qual a escolaridade dos seus pais?

Meu pai terminou o ensino médio, já minha mãe até a 4º série

O que é ser adolescente para você?

É ser uma pessoa que pode definir a sua caminho pela frente, ser uma pessoa que possa sonhar.

Trabalhar e estudar são uma coisa possível?

Sim, basta querer

Você realmente considera o estudo importante?

Sim

Se você tiver que optar entre o trabalho e o estudo com qual ficaria?

Trabalho

Você estuda porque gosta os seus pais te obrigam a estudar?

Dependa da situação

Seus pais fiscalizam as suas tarefas da escola?

Não

Você trabalha? E o seu trabalho prejudica seus estudos?

Trabalhava e prejudicava, agora vou voltar a estudar.

Você trabalha para se sustentar ou para ajudar a família?

Pra me sustentar

Que profissão você quer ter? E o estudo é importante para você?

Sargento das forças armadas exército, sim

O que você pensa a respeito da educação, qual a importância que você dá a escola, ao conhecimento?

É muito importante a educação todos nós precisamos.

